



**UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA**

**EMMANUEL CORREIA**

**O GRANDE “MOCINHO DA HISTÓRIA MUNDIAL”: CONSTRUÇÃO DA  
IMAGEM ESTADUNIDENSE NAS TELAS DE CINEMA.**

Florianópolis

2020

**EMMANUEL CORREIA**

**O GRANDE “MOCINHO DA HISTÓRIA MUNDIAL”: CONSTRUÇÃO DA  
IMAGEM ESTADUNIDENSE NAS TELAS DE CINEMA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Relações Internacionais da  
Universidade do Sul de Santa Catarina como  
requisito parcial à obtenção do título de  
bacharel

Orientador: Prof. Ricardo Neumann, Dr.

Florianópolis

2020

**EMMANUEL CORREIA**

**O GRANDE “MOCINHO DA HISTÓRIA MUNDIAL”: CONSTRUÇÃO DA  
IMAGEM ESTADUNIDENSE NAS TELAS DE CINEMA.**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais e aprovado em sua forma final pelo Curso de Relações Internacionais da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Florianópolis, 07 de dezembro de 2020.

---

Professor e orientador Ricardo Neumann, Dr.  
Universidade do Sul de Santa Catarina

---

Professor Artur Lopes, Me.  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Professor Rodrigo Candido, Me.  
Universidade Federal de Santa Catarina

Dedico este trabalho aos meus pais, Elói e Salete que desde criança sempre incentivaram a minha paixão por cinema.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente gostaria de agradecer em especial a todos os professores que passaram pela minha vida, seja aqueles que eu tive na minha vida escolar ou na acadêmica, professores estes que me passaram seus conhecimentos sobre história, política, economia e até mesmo sobre a ABNT, me inspirando na busca de querer saber e conhecer mais sobre as coisas. Mas eu gostaria de agradecer em especial a um professor, ao meu orientador, professor Ricardo, que foi praticamente o meu Sr.Miyagi, me fornecendo seus conhecimentos para confecção deste trabalho. Gostaria de agradecer também a todos os meus amigos, aqueles que fiz na minha antiga cidade e em especial a aqueles que fiz nesses anos de faculdade.

Por último, gostaria de agradecer, a minha família, meus avós, meus irmãos, cunhadas, cunhado, sobrinhos humanos e os meus sobrinhos de quatro patas e em especial meus pais Salete e Elói, todos eles que sempre incentivaram a minha paixão por cinema, paixão esta que acabou gerando este trabalho.

## RESUMO

O presente trabalho tem como tema um estudo sobre a influência do cinema na construção de uma imagem positiva e heroica sobre os Estados Unidos, imagem esta que se consolidou no imaginário popular mundial. A relevância desta pesquisa se dá, pois o cinema hollywoodiano, é a indústria cinematográfica mais forte do mundo, sendo uma indústria na qual sua influência se estende para outras partes do globo, acabando por influenciar no imaginário da população mundial, através do lançamento de filmes na qual os Estados Unidos são representados como os heróis que salvam o “dia” das “forças do mal”. Com isto, este trabalho traz como objetivo geral, o de compreender de que maneira o cinema contribuiu para construir uma representação narrativa de enaltecimento estadunidense. A partir dos objetivos específicos, os capítulos foram subdivididos em: Observar a importância das representações cinematográficas na formação do *Soft Power* de um país; Analisar como os Estados Unidos contam através do cinema à sua visão da história, sendo analisados cinco períodos-chaves da história mundial e dos Estados Unidos: Independência, Expansão para o Oeste, Segunda Guerra Mundial, Guerra Fria e pós-Guerra Fria; Observar a criação de uma imagem heroica estadunidense nas respectivas obras cinematográficas que representam os períodos históricos estabelecidos acima. Assim, os principais resultados desta pesquisa foram conseguir um melhor entendimento sobre a influência do cinema estadunidense na construção de um ideal sobre os Estados Unidos, possibilitando o entendimento de que como tal nação até os dias de hoje ainda se vê como os ditos “mocinhos” da história.

Com relação à metodologia, esta pesquisa se caracteriza como básica e qualitativa, já os objetivos são explicativos e o procedimento é documental e bibliográfico.

Palavras-chave: Estados Unidos. Cinema. Herói. Imagem. Representações Cinematográficas.

## ABSTRACT

The present work has as its theme a study about the influence of the cinema in the construction of a positive and heroic image about the United States, image that is consolidated in the popular world imagination. The relevance of this research is because the Hollywood is the strongest film industry in the world and it is an industry in which influence extends to other parts of the world, ended up influencing in the imagination of the world population, through the launching of movies in which the United States are represented as the heroes that save the “day” from the “forces of evil”. With this, this paper brings as specific purpose to understand the way that the cinema contributed to construct a narrative representation of an American aggrandizement. The chapters were subdivided according to the specified objectives; Observe the importance of the cinematographic representations in the formation of the Soft Power of a country. Analyze how the United States accounts through your movies, your vision of the history, analyzing five periods of the world history and their own: Independence, March to the West, Second World War, Cold War and after-Cold War: Observe the creation of a heroic American image in the cinematographic works that represent the periods of history established above. The main results of this research allowed a better understanding about the influence of the American cinema in the construction of an ideal about the United States, allowing the understanding of how that nation until today, still see yourself as the “good guy” of the history.

Related to methodology, this research is characterized as basic and qualitative and the objectives are explanatory and the procedure is bibliography and documentary.

Keywords: United States. Cinema. Hero. Image. Cinematographic Representation.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1 – Pôster de <i>Sete Homens e um Destino</i> (1960) e <i>Rambo 2 - A Missão</i> (1985).....</b>	<b>17</b>
<b>Figura 2 – Cena de <i>Indiana Jones e a Última Cruzada</i> (1989) .....</b>	<b>19</b>
<b>Figura 3 - Cena do filme <i>O Patriota</i> (2000).....</b>	<b>30</b>
<b>Figura 4 - Clint Eastwood em <i>Por um Punhado de Dólares</i> (1964) .....</b>	<b>33</b>
<b>Figura 5 - Cena da reunião nazista em <i>Indiana Jones e a Última Cruzada</i> (1989) .....</b>	<b>38</b>
<b>Figura 6 – Cena de Rambo jogando com os Mujahidin em <i>Rambo 3</i> (1988) .....</b>	<b>43</b>
<b>Figura 7 - O vilão do filme <i>True Lies</i> (1994) .....</b>	<b>51</b>

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
1.1 TEMA E PROBLEMA .....	10
1.2 OBJETIVOS .....	12
<b>1.2.1 Objetivo Geral .....</b>	<b>12</b>
<b>1.2.2 Objetivos Específicos.....</b>	<b>12</b>
1.3 JUSTIFICATIVA .....	12
1.4 METODOLOGIA .....	13
<b>2 O CINEMA COMO UMA FERRAMENTA NA FORMAÇÃO DA IMAGEM DOS ESTADOS UNIDOS.....</b>	<b>16</b>
2.1 CULTURA.....	16
2.2 MODERNIZAÇÃO DO MUNDO E DIFUSÃO DOS PADRÕES E VALORES SOCIOCULTURAIS OCIDENTAIS ( <i>POPULAR CULTURE E HIGH CULTURE</i> ). .....	16
2.3 CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM POSITIVA ESTADUNIDENSE .....	18
2.4 CINEMA: RECONSTRUINDO A REALIDADE .....	21
2.5 CINEMA COMO DOCUMENTO .....	23
2.6 CINEMA E <i>SOFT POWER</i> .....	25
<b>3 O “MOCINHO” BUSCA A SUA INDEPENDÊNCIA: A REPRESENTAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA NORTE-AMERICANA NAS TELAS DE CINEMA. ....</b>	<b>28</b>
3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA.....	28
3.2 ANÁLISE DO FILME: <i>O PATRIOTA (2000)</i> .....	29
<b>4 O “MOCINHO” DESBRAVA A TERRA SELVAGEM: A REPRESENTAÇÃO DO OESTE NORTE-AMERICANO NAS TELAS DE CINEMA. ....</b>	<b>32</b>
4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO OESTE E SUA EXPLORAÇÃO .....	32
4.2 ANÁLISE DOS FILMES: <i>POR UM PUNHADO DE DÓLARES (1964)</i> E <i>SETE HOMENS E UM DESTINO (1960)</i> .....	33
<b>5 O “MOCINHO” VAI A GUERRA: A REPRESENTAÇÃO DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NAS TELAS DE CINEMA.....</b>	<b>36</b>
5.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL .....	36
5.2 ANÁLISE DE <i>INDIANA JONES E OS CAÇADORES DA ARCA PERDIDA (1981)</i> E <i>INDIANA JONES E A ÚLTIMA CRUZADA (1989)</i> .....	37
<b>6 O “MOCINHO” BUSCA DERRUBAR O “MURO”: O “REFLEXO” DA GUERRA FRIA NAS TELAS DE CINEMA .....</b>	<b>40</b>

6.1	CONTEXTUALIZAÇÃO DA GUERRA FRIA .....	40
6.2	ANÁLISE DOS FILMES <i>RAMBO 2: A MISSÃO</i> (1985), <i>RAMBO 3</i> (1988), <i>DURO DE MATAR</i> (1988).....	41
<b>7</b>	<b>O “MOCINHO” DERRUBA O “MURO”: O “REFLEXO” DO PÓS-GUERRA FRIO NAS TELAS DE CINEMA.....</b>	<b>47</b>
7.1	CONTEXTUALIZAÇÃO DO PÓS-GUERRA FRIA.....	47
7.2	ANÁLISE DO FILME <i>INDEPENDENCE DAY</i> (1996), <i>FORÇA AÉREA UM</i> (1997) E <i>TRUE LIES</i> (1993). .....	47
<b>8</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>53</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>55</b>

# 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tratará o cinema como uma ferramenta usada para formar uma imagem sobre os Estados Unidos, imagem esta de que o país sempre está do lado do bem, analisando como o cinema norte-americano através da história e suas representações ajudaram a construir a imagem de que eles são sempre os personagens principais e os “mocinhos”, havendo nesta primeira parte do projeto a delimitação do tema, objetivo geral e específicos, metodologia e justificativa.

## 1.1 TEMA E PROBLEMA

O cinema em si passou a ser analisado e discutido como um documento somente a partir dos anos 1970 como aponta Cristiane Nova em sua publicação “O cinema e o conhecimento da História”. A partir deste período, este tipo de estudo começou, por causa de uma série de reformulações que o próprio estudo da história passou, aceitando não somente documentos escritos, mas também os filmes como uma representação de um determinado fato, pensando os mesmos como retratos muitas vezes de certos costumes e ideologias do país que o produziu (NOVA, 1996). Os norte-americanos foram os que mais usaram o seu cinema para narrar os acontecimentos históricos e construir sua soberania e força, pondo nas entrelinhas dos filmes seus princípios e costumes, vendendo seu estilo de vida para outras partes do mundo, querendo que estes seguissem o seu padrão de vida, dito como o correto, criando a imagem da família feliz numa casa com seu cachorro, como aponta Leandro Karnal (2007).

Os Estados Unidos se aproveitaram para construir a imagem de bom moço, muitas vezes graças ao cinema, por meio da representação destes como o mocinho da história, sendo um claro uso do *Soft Power*, este definido por Nye (2017), como a capacidade de convencer alguém sobre algo, ou seja, instigar a pessoa e atrair ela por causa daquilo que foi apresentado, fazendo esta acreditar na ideia mostrada. Com isto o cinema estadunidense é um dos maiores exemplos do uso do *Soft Power*, pois criou no imaginário popular a imagem de ser um país dito superior aos outros e que não importa a situação sempre estará do lado do bem. Por isso o cinema, deve ser analisado, pois através do que esta sendo representado na tela, se tem uma melhor compreensão da forma de pensamento do país que o produziu, em nosso trabalho neste caso, os Estados Unidos e de como este quer ser visto na história, na qual

não importando o período ou a situação, estes sempre se mostram em intervenções para salvar tudo e trazer a democracia para o mundo.

Assim, o cinema diferente da literatura é um modo mais fácil de analisar e descobrir estes ideais do país, pois muitas vezes as crenças apresentadas na tela, não tem como serem escondidas. Desde os anos 1970 essa linguagem vem sendo explorada por autores como Marc Ferro, que foi um dos primeiros a ver que o cinema tinha potencial para ser analisado como um documento histórico, já que o mesmo poderia influenciar e mudar o mundo na qual estava inserido. Nota-se que muitas das histórias contadas pelo cinema americano sempre seguem uma mesma estrutura, um problema é apresentado, cabendo o personagem principal enfrentar este problema e derrotar o dito inimigo no final, sendo que cada período da história sempre tinha o inimigo em questão como na Segunda Guerra Mundial os nazistas ou na Guerra Fria os comunistas. No entanto estas histórias são contadas sempre na versão ocidental da história que muitas vezes é a única versão apresentada ao mundo, pois a indústria cinematográfica norte-americana foi e continua sendo a mais forte, contando a história através da sua versão na qual os mocinhos norte-americanos sempre vencem tudo e vão em direção ao pôr do sol, terminando assim mais uma história, reforçando o discurso no qual o bem vence o mal, a democracia vence a tirania.

Sendo assim, os filmes norte-americanos principalmente aquelas franquias conhecidas como Duro de Matar, Indiana Jones e Rambo apresentam uma narrativa semelhante, neste sentido, estudaremos as narrativas destes filmes, pois através delas, será possível ver a força de um país como os Estados Unidos e como os mesmos narram e recriam a sua, sendo vistos como os mocinhos da história e a força dominante no mundo, narrativas estas que mostram um discurso onde os Estados Unidos se colocam como os libertadores do mundo frente a qualquer regime opressor.

Conforme Nova (1996), os filmes devem ser analisados e estudados, pois estes refletem as crenças e os costumes dos países que os produziram, como por exemplo, nos filmes americanos onde muitas vezes a história é mostrada como se os mesmos fossem os salvadores do mundo. Até os dias de hoje o cinema estadunidense vem mostrando os Estados Unidos como os vencedores, criando e consolidando através desta arte que surgiu no final do século XIX na França e fortalecida através do cinema norte-americano no século XX, a imagem do país no mundo. Esta imagem apresentada nos filmes, como bem aponta José D'Assunção Barros (2007) é usada como um agente ou representante da história, possibilitando também entender a própria história do Século XX através das representações dos fatos no cinema, ajudando a construir as representações da história mundial, bem como da

história dos Estados Unidos, assunto esse que será analisado neste trabalho, que tem como **Problema de Pesquisa:** Como podemos observar a formação de uma imagem positiva dos Estados Unidos na história através da sua representação nas telas de cinema?

## 1.2 OBJETIVOS

Com base na pergunta de pesquisa foram definidos os seguintes objetivos:

### 1.2.1 Objetivo Geral

Compreender de que maneira o cinema contribuiu para construir uma representação narrativa de enaltecimento estadunidense.

### 1.2.2 Objetivos Específicos

Observar a importância das representações cinematográficas na formação do *Soft Power* de um país;

Analisar como os Estados Unidos contam através do cinema, a sua visão da história, sendo analisados cinco períodos-chaves da história mundial e dos Estados Unidos: Independência, Expansão para o Oeste, Segunda Guerra Mundial, Guerra Fria e pós-Guerra Fria;

Observar a criação de uma imagem heroica estadunidense nas respectivas obras cinematográficas que representam os períodos históricos estabelecidos acima.

## 1.3 JUSTIFICATIVA

O cinema sempre foi uma ferramenta usada para a construção de um conceito, sendo que a maioria dos filmes feitos em Hollywood, sempre os Estados Unidos são os mocinhos da história e os caras do bem que acabam por salvar o dia no final.

A indústria cinematográfica estadunidense até os dias de hoje continua sendo a indústria cinematográfica mais forte no mundo e aquela que mais faz filmes, vendendo sempre seu estilo de vida, seus costumes e seu patriotismo, fatores estes que me levaram a escolher este tema para ser tratado, pois os filmes em si são documentos, pois representam uma imagem e um conceito sobre um país e merecem ser estudados. A pesquisa em si, analisa pontos da história norte-americana e mundial através de uma visão ocidental especificamente

uma visão feita pelos Estados Unidos, auxiliando na obtenção de uma melhor imagem como estes querem ser vistos pelas outras partes do globo.

Esta pesquisa irá auxiliar na construção desta imagem, pois muitas vezes o cinema é visto como uma forma de arte ou um meio de entretenimento, não uma ferramenta política de criação de uma imagem. Por isto, iremos para o lado na qual a imagem mostrada, cria no imaginário das pessoas uma visão sobre os Estados Unidos em si na qual estes sempre serão os caras bons. Para embasar estas ideias irei utilizar autores e artigos na qual o cinema é visto como uma representação da história e uma ferramenta de representação dela, bem como utilizarei autores que tratam sobre a história dos Estados Unidos e dos pontos chaves da história mundial que ajudaram na construção da imagem estadunidense.

Assim, meu trabalho irá ajudar a obter uma melhor compreensão de como os Estados Unidos, querem que sua história seja mostrada e espalhada, visão esta que sempre ajudou a fortificar sua imagem como força dominante no mundo, criando a ideia de que não importa o período ou momento que o mundo passe, os Estados Unidos sempre estarão do lado do bem, salvando o dia e o mundo das forças ditas do mal que buscam dominá-lo e governá-lo, sendo criada a imagem de ser sempre uma peça importante para a obtenção da dita paz mundial e serem sempre os mocinhos da história.

#### 1.4 METODOLOGIA

A aplicabilidade deste trabalho será básica ou pura, pois segundo Liane Zanella (2013) o ramo da pesquisa básico, ele é voltado ao desenvolvimento teórico, muitas vezes “criando” novas questões a partir daquilo que já foi produzido por outros autores. A abordagem do problema será qualitativa, pois conforme afirma Gil (2002), no modo de abordagem qualitativo é analisado o conteúdo e o discurso apresentado, sendo no caso deste trabalho será analisado o chamado conteúdo que é a história contada nestes filmes e os respectivos discursos presentes nestas obras. Os objetivos serão explicativos, pois conforme aponta Sérgio Antônio Severino (2017), na pesquisa explicativa são registrados e analisados os fenômenos, buscando identificar o que levou a estes, sendo no caso desta pesquisa, serão analisados os filmes, buscando explicar como o cinema ajudou a criar uma imagem “heroica” sobre os Estados Unidos através de uma representação da história. Com isto o procedimento que será usado para embasar a pesquisa e ajudar a explicar a ideia central será documental e o bibliográfico. Documental, pois os filmes analisados em si são documentos e conforme Cristiane Nova (1996), eles representam o passado ou são um reflexo do momento na qual o

mundo passava quando foram feitos. O procedimento será também bibliográfico, para explicar os filmes, sendo utilizados livros e artigos que tratem sobre os períodos representados e que ajudaram a construir uma imagem sobre os Estados Unidos.

Os filmes como aponta Cristiane Nova em sua publicação “O cinema e o conhecimento da história” podem ser estudados como um documento, sendo estes vistos como uma representação do momento na qual o mundo ou os Estados Unidos passavam, como por exemplo, durante a Guerra Fria na qual foi criado o mocinho norte-americano dos filmes de ação, personagens que eram praticamente imbatíveis, enfrentando russos ou até mesmo terroristas alemães. Um claro reflexo da Guerra Fria, este conceito será analisado neste trabalho em filmes como o primeiro *Duro de Matar* (1988), *Rambo 2* (1985) e *Rambo 3* (1988), todos eles frutos dos anos 80 e da Guerra Fria. Após o término deste conflito entre duas potências o cinema também foi influenciado com a falta de um inimigo bem estabelecido e um mundo passando por mudanças no começo dos anos 90, os Estados Unidos passaram a enfrentar no cinema até mesmo ameaças de fora da Terra, juntamente com aquele que iria virar o inimigo norte-americano número um após o 11 de Setembro, os árabes. Em filmes como *Independence Day* (1996) e *Força Aérea Um* (1997), o Presidente dos Estados Unidos vira personagem principal em filmes que invocavam o patriotismo norte-americano e que serão analisados juntamente com *True Lies* (1994), filme que trata de um embate entre os Estados Unidos e seu grande inimigo no pós-guerra Fria, sendo todos estes, claros reflexos de um mundo e um Estados Unidos pós-término da União Soviética. Outra maneira dos filmes serem estudados são estes sendo vistos como representações do passado, representados nas telas de cinema em um período após a ocorrência dos fatos (NOVA, 1996). Assim, serão analisados filmes como *O Patriota* (2000) que trata sobre o processo de independência dos Estados Unidos juntamente com dois filmes do gênero faroeste que são *Sete Homens e Um Destino* (1960) e *Por um Punhado de Dólares* (1964) que tratam sobre o Oeste norte-americano num período em que a região estava se desenvolvendo e era ainda uma dita terra sem lei. Para encerrar a análise dos filmes como representações do passado, serão analisados os filmes do Indiana Jones que são *Indiana Jones e os Caçadores da Arca Perdida* (1982) e *Indiana Jones e a Última Cruzada* (1989) na qual o mocinho norte-americano do título alguns anos antes do começo da Segunda Guerra Mundial, busca impedir que os nazistas colocassem as mãos em objetos que levariam estes a dominarem o mundo.

Os filmes podem ser vistos como documentos e como aponta Marc Ferro em sua publicação “O Cinema e a História”, desde que foram criados, buscam glorificar o país em que foram feitos e no caso deste trabalho os Estados Unidos, que querem ser vistos

positivamente como os heróis da história com o passar dos tempos, ideia esta que será vista e tratada neste trabalho através dos filmes que ajudaram a criar esta imagem sobre os Estados Unidos, num contexto em que a história do país é contada não através dos livros, mas sim através de uma ferramenta que se estende para outras partes do globo que é o cinema.

## 2 O CINEMA COMO UMA FERRAMENTA NA FORMAÇÃO DA IMAGEM DOS ESTADOS UNIDOS

### 2.1 CULTURA

A cultura é o elemento que caracteriza um país, uma comunidade, uma pessoa. A cultura é desenvolvida através da história, sendo definida como o compartilhamento de significados entre os membros de uma sociedade, que interpretam o mundo de uma maneira semelhante (BROWN, 2010). Porém a cultura muitas vezes transcende o país que a formou, sendo os Estados Unidos um grande exemplo para esta transcendência cultural, chegando suas reproduções culturais para outros países principalmente através das artes, sendo o cinema o maior de todos os exemplos. O cinema é uma arte capaz de recriar o passado, reimaginar o presente e vislumbrar o futuro, por meio de uma reinvenção da realidade (KEMP, 2011).

### 2.2 MODERNIZAÇÃO DO MUNDO E DIFUSÃO DOS PADRÕES E VALORES SOCIOCULTURAIS OCIDENTAIS (*POPULAR CULTURE E HIGH CULTURE*).

Ianni (2001) afirma que após o fim da Segunda Guerra Mundial e da Guerra Fria, houve uma “modernização do mundo” por meio da expansão dos meios de comunicação. Estes meios de comunicação passaram a estar mais presentes na sociedade, por meio da mídia impressa e da mídia eletrônica, ajudando a criar uma imagem do mundo (IANNI, 2001). Segundo Ianni (2001) com esta “modernização do mundo” houve uma difusão e sedimentação dos padrões e valores socioculturais ocidentais, sendo o maior exemplo a difusão dos padrões e valores norte-americanos.

Por meio desta difusão cultural, a cultura passou a ser dividida, segundo Joseph Nye (2017), entre dois tipos: a primeira é a *high culture* como literatura, artes, estando focada mais para uma elite e a segunda é *popular culture* que é voltada mais para divertimento das massas. No *popular culture* que é o divertimento das massas, o cinema norte-americano se encaixa, pois, ele é focado principalmente ao grande público que vai assistir as grandes produções para se divertir e entrar numa aventura que os faça esquecer os problemas do mundo.

Assim estes filmes ditos “mais conhecidos” voltados às massas chamados também de filmes-padrão, são designados como o tipo de filme na qual na maioria das vezes apresenta uma história muito parecida ao grande público, oferecendo ação, humor, romance, buscando satisfazer os interesses e gostos das pessoas que os assistem (MORIM, 2002). Por meio disto,

o cinema voltado às massas se dividiu em dois tipos: o primeiro um cinema mais voltado ao público feminino, afirmado como sendo algo mais romantizado e dramático e o segundo é um cinema voltado ao público masculino apresentando algo mais voltado à violência e a agressividade (MORIM, 2002). Com isto o cinema “heroico” norte-americano nas décadas passadas, era algo voltado ao público masculino, possuindo uma espécie de fetichismo com armas, sendo estes filmes protagonizados por atores masculinos que faziam personagens corajosos que acabavam por resolver os problemas do mundo sozinhos com suas armas (KEMP, 2011). Assim, o cinema criou a figura do dito herói norte-americano, seja o herói dos faroestes com seu revólver, chapéu e sua habilidade de ter o gatilho mais rápido ou a do herói dos filmes de ação dos anos 1980 com o conceito de ser uma máquina de matar, com suas armas e seus músculos.

**Figura 1 – Pôster de *Sete Homens e um Destino* (1960) e *Rambo 2 - A Missão* (1985)**



Fonte: (IMDB, 2020).

Estes heróis que surgem nos filmes estadunidenses em si, são os heróis nas quais as pessoas acreditam, criando uma espécie de fascínio por eles, crendo que estes podem salvar o dia no final do filme. Este herói criado para as massas é o dito herói “simpático” na qual cria uma espécie de ligação com o público que está assistindo o filme, sendo muitas vezes admirado por ele, tendo no final o dito *happy end* (Final Feliz) sendo conceituado como a felicidade após ter cumprido o seu dever (MORIM, 2002). Por meio desta ideia do dito *happy end* é possível notar a forma parecida com a maioria dos filmes ditos “heroicos” norte-americanos terminam, na qual se tem uma comemoração entre os personagens principais ou um beijo do herói na “mocinha” ou até mesmo o herói indo embora do local onde salvou com a sensação de dever cumprido.

Sendo assim, os filmes apresentados neste trabalho são filmes na grande maioria conhecidos pelo grande público e que buscam criar esta imagem “heroica” norte-americana, usando certos estereótipos para enaltecer a sua nação, apresentando histórias idênticas que possuem discursos relacionados à defesa daquilo que se acredita ser certo, afirmando que a nação estadunidense estará do lado do bem não importando o momento mostrando sua nação como se fosse “perfeita”.

### 2.3 CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM POSITIVA ESTADUNIDENSE

Com esta ideia de serem vistos como os “mocinhos da história”, os Estados Unidos usaram o seu cinema para representar o seu país de uma maneira única, na qual este se destacasse dos outros países. Marc Ferro (1992) afirma que desde que o cinema foi criado e se tornou uma arte, os filmes representam, criam e glorificam o país nas quais estes foram feitos. O cinema norte-americano é o grande exemplo desta “glorificação”, criando a figura heroica do país e mesmo havendo filmes que criticam a imagem estadunidense, como por exemplo, os filmes que tratam sobre os traumas da guerra do Vietnã, continua-se reproduzindo nas suas outras obras cinematográficas um conceito de sua nação como uma figura de extrema importância para a condução do mundo, conceito este passado aos outros países. Leon Trótski, no começo do século XX, já afirmava que o cinema é o melhor instrumento de propaganda para impor uma ideia para outras partes (FERRO, 1992 apud TRÓTSKI, 1923).

Através das imagens criadas por meio dos diversos meios de comunicação, os Estados Unidos são vistos como um grande império, dito como o maior após o império romano (NYE, 2017). Segundo Joseph Nye (2017) todo império tem os seus inimigos e comparando ao império romano, o terrorismo são os novos “bárbaros” que buscam derrubar os Estados Unidos. Esta crença sobre seus “inimigos”, está presente desde quando a nação estadunidense ainda era uma colônia, sendo os “inimigos” representados como povos capazes de cometer atos terríveis contra inocentes com o objetivo de criar medo às populações, sendo derrotados pelos heróis no final da história. Estes heróis estadunidenses tornaram-se o que são, pois possuem valores que atraem parte da população que passam a acreditar neles, sendo baseados muitas vezes em figuras reais, tornando-os símbolos da luta do bem contra o mal (KARNAL, 2007).

Os Estados Unidos através do seu cinema criaram a imagem de seus heróis como indivíduos corajosos, sempre dispostos a batalhar por aquilo que acreditam ser certo, sendo que neste mundo apresentado nas telas, os mocinhos são diferentes dos caras maus, possuindo

características que diferenciam um do outro. Assim, o cinema é um meio de representação, que cria um mundo imaginário, mundo este feito por aqueles que fizeram o filme (BARROS, 2007). Com isto, o cinema norte-americano criou um mundo na qual os Estados Unidos na maioria das vezes derrotam os caras maus no final da história e os seus heróis vão embora em direção ao por do Sol, com a sensação de dever cumprido.

**Figura 2 – Cena de *Indiana Jones e a Última Cruzada* (1989)**



Fonte: (IMDB, 2020).

Através desse mundo fantasioso, Hollywood cultivou a crença de sucesso individual, na capacidade do governo de proteger seus cidadãos contra os ditos “caras maus”, além de os Estados Unidos serem mostrados como uma sociedade sem classes (KARNAL, 2007). Com isto, quando se percebeu a importância do cinema e sua influência, certas figuras políticas, buscaram apropriar-se desta forma cultural, pondo-o a serviço de seu país, glorificando sua nação ou “doutrinando” outras para seus ideais (KORNIS, 1992). Por meio da ideia de uma construção grandiosa sobre sua nação, o cinema durante a Primeira Guerra Mundial, já desenvolvia a imagem heroica norte-americana na qual um homem estadunidense salvaria o dia, sendo esta ideia vista no cinema mudo da época como, por exemplo, nos filmes de Charlie Chaplin que retratavam este conflito (SILVA, 2004). A partir disto a indústria cinematográfica norte-americana passou a receber incentivos dos mais diversos meios como do governo e das indústrias que perceberam a capacidade expansionista que o cinema em si possui (SILVA, 2004). Esta intervenção feita pelos governos no cinema e em outros meios de comunicação é uma dita intervenção positiva, intervenção esta voltada à politização ou orientação, ou seja, que faça com que as outras nações ou a até mesmo a sua, acredite no país através daquilo que é apresentado sobre eles nos mais diversos meios (MORIM, 2002). Esta intervenção dita “positiva” é diferente da intervenção negativa na qual é feita também pelos Estados sendo voltada muitas vezes a censura (MORIM, 2002). Por meio desta ideia de politização dos meios de comunicação, a indústria cinematográfica estadunidense esteve

atrelada muitas vezes a um conflito bélico ou ideológico, usando seu cinema como instrumento de propaganda, incentivando ou repudiando o conflito (SILVA, 2004).

Com isto, quando se percebeu a importância do cinema norte-americano como uma arte capaz de expandir os ideais estadunidenses em 1939 o então presidente dos Estados Unidos na época Franklin D. Roosevelt buscou realizar uma expansão cultural estadunidense, ordenando que durante seu mandato no período da Segunda Guerra Mundial fosse feito um cinema mais “belo”, que glorificasse o justo e os valores americanos (FERRO, 1992). Através disto, o cinema norte-americano durante a Segunda Guerra Mundial representava a sua nação e seu adversário no conflito, o eixo, mostrando japoneses e os nazistas nos filmes desenvolvidos ali como os vilões, surgindo assim os filmes ditos anti-eixo (FERRO, 1992). Estes filmes anti-eixo apresentavam uma ideia comum sobre estas nações, sendo elas vistas como inimigas, pois rompiam os valores defendidos pelos Estados Unidos (FERRO, 1992). Através desta, é possível notar como a nação norte-americana vê as outras nações, sendo aquelas que não seguem seu padrão dito correto, são considerados seus inimigos e aquelas que seguem os seus conceitos, são vistos como seus aliados. Porém, o cinema estadunidense não representava somente seus adversários de conflito, mas também seus aliados como na Segunda Guerra Mundial, desenvolvendo filmes em que “embelezavam”, por exemplo, a União Soviética, realizando filmes ditos pró-soviéticos, ou seja, que enalteciam sua futura rival, representando inclusive Joseph Stálin de uma maneira amigável (KEMP, 2011).

Porém, esta representação amigável sobre a União Soviética acabaria no término da Segunda Guerra Mundial, período este em que a União Soviética e Estados Unidos viraram rivais e se iniciaria a Guerra Fria (KEMP, 2011). Este rompimento com a nação soviética e como os Estados Unidos representaram e viam a sua nova rival nos cinemas, será tratado neste trabalho através da análise dos filmes da década de 1980, obras estas refletiam as crenças estadunidenses no período.

Através desta e de outras representações, certas nações passaram a ser vistas como adversárias dos Estados Unidos, sendo possível notar como o cinema norte-americano muda a forma como um determinado povo é representado, tornando inclusive antigos aliados em adversários, servindo como uma propaganda política de enaltecimento de sua nação e vilanização da outra. Por meio disto, o cinema estadunidense criou uma espécie de nova realidade, na qual eles, os Estados Unidos, são vistos como os “heróis” e aqueles contrários aos seus ideais, são os “vilões”, propagando este conceito nos mais diversos meios culturais como, por exemplo, no cinema, meio cultural este que chega a outras partes do globo,

ajudando a construir uma imagem “heroica” estadunidense, imagem esta buscada por esta nação para consolidar sua posição de poder no mundo.

#### 2.4 CINEMA: RECONSTRUINDO A REALIDADE

Com o cinema sendo visto como um importante instrumento de propaganda, Mônica Almeida Kornis (1992) aponta que as imagens apresentadas nos filmes, não reproduzem a realidade, mas sim a reconstroem. Octavio Ianni (2001) apontava também esta ideia de “reconstrução” da realidade, afirmando que os meios de comunicação ajudaram a formar uma realidade não tão verídica, mas sim algo mais ilusório. Estas ideias estão aplicadas nos filmes estadunidenses, pois o país na maioria das vezes é representado positivamente, como o “mocinho” da história, tratando nestes filmes da questão do bem contra o mal, sendo o país representado como a figura do bem, que está sempre num embate contra as forças do mal, exemplificadas por diferentes estereótipos no decorrer da história, como por exemplo, a figura dos alemães como nazistas ou dos russos como comunistas. Estereótipo é conceituado como aquilo que é imaginado sobre um povo ou como algo que é visto como “real” por alguém (HALL, 2013). Porém o que o cinema estadunidense apresenta nas telas faz com que as pessoas que o assistem fiquem fascinadas por aquilo, não notando a forma preconceituosa como outros povos são representados (GELADO e COLÓN, 2016).

Este ideal de estereótipos sustenta a indústria cinematográfica estadunidense desde praticamente o seu surgimento, sendo aplicado nos seus mais diversos gêneros, mostrando seus heróis como corajosos e “belos”, enquanto outros povos são representados como “maus” e “diferentes”. Esta estereotipagem pode ser notada na representação nos mais diversos filmes estadunidenses que tratam sobre um período histórico, como por exemplo, a representação dos povos indígenas nos faroestes ou a representação dos vietnamitas nos filmes “heroicos” sobre a Guerra do Vietnã, sendo eles mostrados como maus, praticantes de torturas e ajudados pelos Soviéticos, como na franquia Rambo, tornando ambos vistos como o símbolo do mal graças ao contexto político da época (GELADO e COLÓN, 2016). As representações destes períodos e povos serão vistas e analisadas através dos filmes escolhidos neste trabalho do gênero faroeste, por exemplo, na qual os mexicanos são representados como maus e em filmes em que os russos são vistos como os vilões da Guerra Fria como na já mencionada franquia Rambo, na qual modificou a representação da Guerra do Vietnã, virando de um filme crítico para um filme heroico norte-americano.

Através destas análises, será possível notar que as representações ocidentais da história apresentam na maioria das vezes o Oriente como um inimigo, criando a imagem do Oriente como incivilizado, imagem esta criada pela dita dominação ocidental sobre o oriente em períodos passados e que continua sendo reproduzida nos meios de comunicação ocidentais até os dias de hoje (GELADO e COLÓN, 2016). O cinema acaba assim por ser um dos meios culturais que são adeptos deste ideal de vilanização oriental mostrando nos filmes o Oriente querendo derrubar o Ocidente, apresentando discursos “maléficos” dos vilões orientais que querem fazer o Ocidente, exemplificado pelos Estados Unidos, “ajoelhar-se” perante eles. Assim, o cinema norte-americano criou certos estereótipos como o vilão oriental que fala inglês com sotaque e que machuca inocentes tudo em nome de “derrubar” o Ocidente e a nação estadunidense. Esta criação de um inimigo norte-americano é algo que sustenta a nação norte-americana desde a sua fundação até os dias de hoje, sendo este inimigo um exemplo daquilo que os Estados Unidos nunca querem ser (KARNAL, 2007). Através disto, a história norte-americana criou os mais variados “inimigos”, sejam os ingleses que incendiavam cidades no processo de independência, ou os indígenas e mexicanos no século XIX na expansão para o Oeste, sendo estes descritos como selvagens (KARNAL, 2007).

Com isto, o cinema norte-americano ajudou a sustentar estes e outros estereótipos presentes na história norte-americana caracterizando tanto os heróis estadunidenses, quanto vilões contrários à sua nação, mostrando ambos com características diferentes um do outro. Assim, o cinema criou a imagem de que o “mocinho” norte-americano que tem o dever de salvar o dia e seu “adversário” que quer somente causar medo e machucar inocentes, tornando-o um antagonista a altura do herói, precisando este derrotá-lo no final da história, para poder o mundo ser salvo e a honra de sua nação defendida. Assim, se formaram discursos na maioria destas obras cinematográficas estadunidenses, discursos em que se afirma que somente os Estados Unidos poderiam salvar o mundo das forças do mal, sendo discursos influenciados diretamente pelo contexto político do século XX que se encontrava.

O século XX, período em que o cinema se espalhou pelo mundo e que a maioria dos filmes que serão analisados neste trabalho foram lançados, foi um período no qual o mundo passava por grandes acontecimentos históricos como duas guerras mundiais e um embate ideológico entre duas potências. Por meio disto, o cinema com discursos presentes nas suas obras, auxiliou na compreensão do século XX por representar estes fatos em suas telas (BARROS, 2007).

Stuart Hall (2013 apud Fourcaut 1977), afirma que aquilo que foi apresentado nestes filmes, livros, etc, são todos frutos do discurso do país que o produziu, estando presente no

momento em que estas obras literárias ou cinematográficas foram feitas, sendo que estas obras refletiam o discurso e o contexto da época, criando um dito “conhecimento” do período. Sendo que este “conhecimento” é feito através da visão do país que produziu as obras, refletindo as suas crenças nelas. Podemos observar dois exemplos desta ideia no cinema norte-americano: a vilanização dos russos no período da Guerra Fria e a dos Árabes iniciada nos anos de 1990 e continuada no século XXI, após o 11 de Setembro.

Com isto, os Estados Unidos passaram a impor em seus filmes o seu país como uma importante figura da história mundial, sendo que estes filmes “históricos” passaram a ser utilizados para “ensinar” a história e impor ou veicular uma visão sobre o país através da reescrita dos fatos ocorridos (BARROS, 2007). Através disto, as pessoas passaram a descobrir certos fatos históricos, não por meio dos livros de história, mas sim através do cinema, que “aumentou” estes fatos tornando-os acontecimentos grandiosos (NOVA, 1996). Assim, os heróis estadunidenses nos filmes surgem durante estes acontecimentos ditos grandiosos, como numa “guerra”, devendo eles salvar o dia. Segundo o que aponta Robert Burgoyne (2002), este herói que surge nestes momentos é uma figura que é usada em narrativas tradicionais de uma nação, na qual um herói surge quase “misticamente” em momentos de conflito, lutando por aquilo que acreditam ser certo, defendendo a sua nação. Através destas representações, estes heróis ficam marcados na história, tornando-se símbolos de seu país, sendo seus atos representados nos mais diversos meios como no cinema, meio cultural este que representa os diversos momentos da história e os atos heroicos ocorridos nela, documentando estes acontecimentos que sobrevivem ao passar do tempo.

## 2.5 CINEMA COMO DOCUMENTO

Após um longo período de tempo desde o seu surgimento no final do século XIX o cinema passou a ser visto e estudado como um documento histórico, iniciando-se o seu estudo nos anos 1970 na França, país este na qual é considerado como o país que criou o cinema, tendo ele surgido ali graças aos irmãos Lumière e suas projeções. Os estudos mais profundos das obras cinematográficas como documentos foi algo que surgiu com o movimento francês chamado de “Nova História”, que tornou o termo documento mais amplo, expandindo este para além do escrito, aceitando a imagem, som, etc como um documento também (KORNIS, 1992).

Com os filmes sendo vistos como documentos históricos, podem ser estudados de duas maneiras, a primeira sendo eles estudados como um testemunho da época na qual foram feitos

ou de uma segunda maneira, sendo estes analisados como representações do passado (NOVA, 1996). Sendo assim, os filmes são documentos primários quando forem analisados neles certos elementos referentes à época em que foram produzidos e um documento secundário quando forem vistos como uma representação de um fato já ocorrido (NOVA, 1996).

O cinema ao longo do tempo continua sendo uma das formas de arte mais populares, atraindo a atenção das pessoas por causa de suas histórias contadas. Assim, desde o século XX ele já era visto como algo vanguardista, sendo visto como um instrumento capaz de registrar os momentos e aquilo que os olhos não eram capazes de ver (FERRO, 1992).

O grande público conhece os grandes fatos históricos mundiais muitas vezes não pelos livros, mas sim pela história contada através do cinema, com este refletindo as ideologias e os costumes do país que o fez (NOVA, 1996). Os filmes passaram a ser estudados como um documento mais profundamente a partir de 1970, ajudando a compreender os comportamentos, os valores, as ideologias de uma sociedade ou um momento histórico (KORNIS, 1992). Marc Ferro foi um dos pioneiros nos estudos sobre história e cinema neste período, observando que os filmes tinham potencial de serem vistos como um documento, pois representavam um determinado período da história mundial, refletindo as ideologias e costumes do país que o produziu (NOVA, 1996). Assim, iremos observar a forma como na maioria das vezes o cinema norte-americano representa a sua nação, sendo esta mostrada como um importante ator na dita “condução do mundo”, sendo representado como “heroica” na maioria dos fatos históricos ocorridos, refletindo nestas obras sua crença de “grandiosidade”, crença presente na história do país desde a sua fundação. Contudo, para o filme ser analisado mais profundamente, quem irá estudá-lo não deve ser levado pelas “belezas” que este busca construir, sendo necessário realizar um alfabetismo crítico, na qual é preciso compreender e interpretar a mensagem que está sendo mostrada nestas obras (SILVA, 2004).

O primeiro passo para um filme ser estudado como um documento, é a escolha de quais filmes serão analisados, devendo estes ser escolhidos após a definição do objeto e objetivos de pesquisa, para depois passarem a ser vistos individualmente, para após, serem analisados primeiramente a mensagem mais “explícita” que estas obras propõem, através da análise dos diálogos, enredo, etc, além de que deve ser analisado a mensagem “implícita” presente na obra também como uma segunda parte (NOVA, 1996). Na terceira parte devem ser analisadas as crenças do autor que colocou nos filmes muitas vezes sem intenção, sendo neste quesito analisado as ideologias presentes na sociedade que fez a obra, em inúmeras ocasiões refletidas indiretamente nestas obras (NOVA, 1996). Após este processo para

encerrar como uma quarta parte, os filmes devem ser comparados com documentos históricos e sociológicos sobre a sociedade que fez esta obra, para então serem sintetizados os pontos em que o filme reproduz estes conhecimentos, tornando assim estas obras num documento que possa ser usado (NOVA, 1996).

Com isto, os filmes que tratam sobre a história mundial ou uma história interna de um país, são vistos como filmes históricos porque buscam representar os fatos do passado muitas vezes por meio da romantização de certas figuras históricas reais (BARROS, 2007). Como afirma Barros (2007), como filme histórico pode ser considerado também, os filmes na qual se tem uma ambientação histórica, ou seja, que se passam durante a ocorrência de um fato importante da história, mas que possuem personagens principais muitas vezes fictícios. Assim, neste trabalho serão analisados principalmente a segunda categoria de filmes históricos, ou seja, aquela em que os personagens principais são fictícios, mas que participam de um fato da história, muitas vezes interagindo até mesmo com importantes figuras reais. Serão analisados também os filmes que apresentam “fatos fictícios”, mas que são reflexos do momento em que o mundo se encontrava como, por exemplo, a análise do cinema feito após o término da Guerra Fria, pois como aponta Cristiane Nova (1996), uma das formas dos filmes serem estudados é como uma representação da época em que foram feitos. O cinema é de extrema influência no contexto mundial seja por representar grandes fatos da história ou como uma ferramenta política, sendo sua influência estudada em todo o planeta, pois ela é uma clara ferramenta de *Soft Power* usada para criar uma imagem positiva do país que realizou a obra.

## 2.6 CINEMA E *SOFT POWER*

Com o cinema tendo surgido nos últimos anos do século XIX e se espalhou mais fortemente pelo mundo no século XX, este passou a atrair a atenção das pessoas do mundo todo, passando a ser utilizado na criação de uma imagem positiva dos Estados Unidos. Essa utilização do cinema para a criação de uma imagem estadunidense pode ser vista como um claro uso do *soft power*. A ideia de *soft power* é um conceito definido por Joseph Nye como: “Habilidade de conseguir aquilo que quer através da atração ao invés da coerção ou pagamentos” (NYE, 2017, p.10).

O cinema como uma ferramenta cultural atraiu a atenção das pessoas do mundo todo, fazendo-as ficarem maravilhadas com aquilo que estava sendo apresentado, acreditando que os “mocinhos” daqueles filmes estadunidenses, eram a prova real de que os Estados Unidos sempre estavam do lado do bem, sendo o país visto como um berço da liberdade e da justiça.

O uso do *Soft Power* norte-americano gerou estas ideias sobre os Estados Unidos ao redor do mundo, ideias que mostram os Estados Unidos como algo magnífico, fazendo o mesmo ser visto como um grande país para além de seu próprio território, criando a imagem de que a sua cultura, seus costumes e seu estilo de vida são superiores, ideia esta que influencia todo mundo (NYE, 2017). A partir desta ideia com a chegada da cultura norte-americana para as outras nações, os Estados Unidos foram capazes de criar uma imagem de seu país como algo superior atraindo para seus conceitos e estilo de vida, as mais diversas nações graças a ideia de sua cultura ser superior às outras. Por meio disto, a cultura norte-americana passou a ser considerada como uma cultura capaz de atrair outros povos de maneira pacífica causando um sentimento de estima dos outros países para a sua nação (HALL, 2013).

Nye (2017) aponta também que para qualquer forma de poder de um país ser eficaz, é preciso ter um contexto para este ser aplicado. Um dos exemplos do uso do *Soft Power* em um contexto, foi ele sendo usado pelos Estados Unidos num “cenário” muitas vezes de “conflito”, usado para divulgar a sua imagem heroica através do seu cinema ou de outro meio cultural em períodos como a Segunda Guerra Mundial ou na Guerra Fria. Graças a um bom uso do *Soft Power*, os Estados Unidos conseguiram construir uma imagem de liderança de seu país principalmente nestes momentos de conflito, fazendo com que sua representação “heroica” derrubasse certos “muros” e chegasse a outras partes do planeta. Assim, nos anos de 1970, houve uma aproximação maior dos povos ao redor do planeta, aproximação causada pelos meios de comunicação (KEMP, 2011). Porém, enquanto o mundo ficava mais perto e diminuía a distância entre os países, o cinema norte-americano aproveitando-se desta aproximação neste período, criou megaproduções que chegaram ao mundo todo, mudando a realidade e criando uma espécie de fascínio, causando uma série de sentimentos nas pessoas que variavam desde medo até mesmo alegria (KEMP, 2011).

Através disto, o cinema é considerado como uma forma cultural que é capaz de aproximar os mais diversos povos por meio de suas histórias ditas universais (PAIVA, 2005). Com isto, o cinema norte-americano que é considerado como a maior indústria cinematográfica do mundo, faz com que seus filmes cheguem aos cantos mais longínquos do globo, sendo capaz de aproximar os mais diversos povos que vão aos cinemas para ver um filme estadunidense na qual na maioria das vezes estes salvam o dia de uma ameaça, criando uma imagem heroica no imaginário mundial. Assim Hollywood transformou seus filmes num produto dito mundial, sendo esta designada para filmes que foram feitos nos Estados Unidos, tornando-a uma ferramenta do *Soft Power*, pois transmite uma série de conceitos norte-americanos como capitalismo e individualismo (SOUZA, MELO e ROCHA, 2018). Através

desta fascinação, o cinema estadunidense criou uma espécie de estímulo, induzindo a imaginação das pessoas em torno do poder, amor, por meio de filmes feitos para as massas, filmes estes que possuem fórmulas de sucesso dito prontas, sendo copiadas para satisfazer quem já está acostumado com estas produções, mudando somente personagens, mas mantendo um conceito imutado (PAIVA, 2005). Por meio disto, é possível compreender um pouco como o cinema norte-americano voltado às massas continua forte até os dias de hoje, apresentando uma história que satisfaz as multidões mostrando heróis estadunidenses que salvam o dia de forças estereotipadas do mal.

### **3 O “MOCINHO” BUSCA A SUA INDEPENDÊNCIA: A REPRESENTAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA NORTE-AMERICANA NAS TELAS DE CINEMA.**

#### **3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA**

O cinema conforme aponta Cristiane Nova (1996) pode ser estudado de duas maneiras, a primeira como uma representação de um fato do passado reproduzindo numa determinada obra anos após a ocorrência deste fato, podendo os filmes serem estudados também como uma representação do momento, inclusive político, reproduzido naquela obra. Sendo assim, a análise dos filmes escolhidos para este trabalho começou através da representação da independência dos Estados Unidos, um fato do século XVIII reproduzida num filme feito nos anos 2000.

A independência estadunidense será analisada através de uma visão “heroica” deste fato através do filme *O Patriota (2000)*, filme este que mostra a busca pela independência como um arduo período de lutas, com uma motivação de libertação de uma ameaça. Antes de analisar o filme em si, é preciso contextualizar quem são os chamados “colonos” personagens centrais do filme para entender os motivos que levaram eles a buscar a sua independência. Segundo Leandro Karnal (2001) os colonos eram “ingleses” muitas vezes pobres que foram enviados a estas colônias até então inglesas no século XVII com a promessa de que naquele território iriam enriquecer, sendo também esta uma segunda tentativa inglesa de colonização no território, pois a primeira no século XVI não havia dado certo.

O motivo que levou os colonos a buscarem a sua independência segundo Karnal (2001) não foi o amor a aquele território que eles possuíam, mas sim um sentimento de “ódio” aos ingleses, por causa da exploração sobre estas treze colônias com a imposição de uma série de taxas aos colonos como a Lei do Açúcar (1764) e a Lei do Selo (1765). Já para o autor Ray Raphael (2006), os ingleses eram diferentes dos colonos, pois eles eram ricos e maus e que pensavam somente em seus próprios interesses.

Por meio desta ideia de derrubar um inimigo visto como tirano e mau, o processo de independência estadunidense foi contado através dos tempos como uma luta entre “mocinhos” e “vilões”, sendo esta visão da história transpassada para as telas de cinema.

### 3.2 ANÁLISE DO FILME: *O PATRIOTA* (2000)

O filme *O Patriota* (2000) se passa durante o ano de 1776 quando as colônias que se declararam livres estavam em uma série de embates com a Inglaterra na então Guerra de Independência (1775-1781). A Guerra de Independência como aponta James West Davidson (2015) durou quase sete anos, não tendo ela acabado com a assinatura da Declaração de independência em 1776, período este na qual o conflito havia recém começado. A Guerra de Independência (1775-1781) foi travada com o objetivo de garantir a independência das colônias, sendo os exércitos liderados, por exemplo, por George Washington, que viria a se tornar o primeiro presidente dos Estados Unidos (KARNAL, 2001).

Com relação à história central do filme, ela se passa principalmente na região da Carolina do Sul, região esta que demorou a apoiar a busca pela independência destas colônias, principalmente por causa da região estar ligada economicamente aos ingleses (KARNAL, 2001). A “demora” para apoiar a independência é apresentada inclusive no começo do filme, com o personagem Benjamin Martin representado por Mel Gibson, tido como o “herói da história” que não quer se envolver no conflito por causa de seu passado violento contra os povos indígenas e o medo de deixar seus filhos órfãos. Contudo, Benjamin abandona esta ideia “pacifista” após um de seus filhos ser morto por tropas inglesas, levando ele a lutar não por amor a pátria, mas sim motivado pela vingança, formando com isto uma milícia. As milícias eram grupos de pessoas sem experiência militar, que se formavam quando os ingleses chamados também de casacas vermelhas tomavam as propriedades dos colonos, fazendo com que elas se formassem com o objetivo de libertar as terras conquistadas, não havendo uma continuação de uma luta contra os ingleses, após a reconquista de suas propriedades (DAVIDSON, 2015).

Contudo no filme esta ideia não é bem seguida, pois as milícias são mostradas querendo não somente libertar suas propriedades, mas sim querendo a liberdade de sua nação, pois segundo eles ali era uma terra escolhida. A ideia de ser uma terra escolhida como aponta Leandro Karnal (2001) era presente neste período e até mesmo antes, pois o território que viria a se tornar os Estados Unidos, era visto como uma terra prometida por Deus, na qual se formaria ali uma sociedade de “eleitos”, preceito este centrado no pensamento calvinista que veio para estas colônias com os protestantes no século XVII.

Através disto, a história da independência dos Estados Unidos foi sendo contada e repassada para as pessoas, como algo grandioso e não como um momento violento da história estadunidense (RAPHAEL, 2006). Conforme o que aponta Raphael (2006), a história da

independência começou a ser contada por meio do boca-a-boca, escondendo alguns pontos, criando uma espécie de fábula, usando somente alguns trechos ditos de maior importância para contar este fato histórico para as pessoas.

A independência dos Estados Unidos passou a ser contada através do contexto de heróis que devem derrotar um vilão no final, sendo a palavra herói aplicada no sentido masculino da palavra, pois a história da independência estadunidense é contada conforme aponta Leandro Karnal (2001) por personagens masculinos e brancos. Por meio desta ideia deste ponto da história dos Estados Unidos ser focada em homens, o filme apresenta este conceito estando focado em dois personagens fictícios que são Benjamin Martin e seu filho mais velho William, ambos com motivações diferentes no conflito, um por um desejo de vingança e outro por um desejo de liberdade. Em um determinado ponto do filme, William é morto pelos ingleses assim como seu irmão, levando Benjamin ficar desacreditado a lutar, contudo ele encontra uma bandeira das treze colônias guardada por seu filho, fazendo-o acreditar novamente na luta. Com isto, ele vai montado em um cavalo exibindo a bandeira com o objetivo de motivar as milícias e o Exército Continental<sup>1</sup>, antes da Batalha de Cowpen (1781). Servindo como um símbolo de motivação, a bandeira é usada na batalha para que as tropas não desistissem de lutar, possuindo um simbolismo de que se caso ela caísse, eles cairiam também.

A bandeira que aparece no filme é a bandeira aprovada pelo Congresso em 1777 com treze estrelas representando as treze colônias, sendo esta bandeira conhecida também como a Bandeira de Betsy Ross (LEEPSON, 2018).

**Figura 3 - Cena do filme *O Patriota* (2000)**



Fonte: (IMDB, 2020).

---

<sup>1</sup> Soldados com mais experiência militar e que lutavam em mais batalhas do que as milícias (DAVIDSON, 2015).

No filme os colonos contam com o apoio dos franceses que os apoiaram após a Batalha de Sarago (1777) ajudando os colonos na Batalha de Cowpen (1781), batalha na qual os ingleses perderam (DAVIDSON, 2015). No filme assim como na história real, a Batalha de Yorktown (1781) que veio após a Batalha de Cowpen (1781) é tida como a “batalha final”, na qual os ingleses se renderam dando a vitória as treze colônias (DAVIDSON, 2015). No filme após a derrota, os ingleses afirmam que não acreditam que perderam a guerra para simples camponeses, sendo que após o término do conflito, o filme se encerra com Benjamin chegando a sua casa onde afirma que a partir daquele momento se construiria um país novo.

Na decorrência dos fatos, após a vitória no conflito, as treze colônias virariam uma só nação somente em 1789 após a aceitação de algumas regiões para formarem então os Estados Unidos (DAVIDSON, 2015). A partir da análise deste filme e da história do período representado, é possível perceber como a história da independência é contada pelos Estados Unidos como um embate entre o bem e o mal, com as colônias que viriam a se tornar a nação estadunidense reproduzindo um discurso de libertação de uma tirania. Este discurso de derrotar o “mal”, está presente no cerne estadunidense até os dias de hoje, adaptando-se somente ao contexto da época, mas sendo mantido um discurso de eliminação de uma ameaça.

A independência é um período histórico contado pelo povo estadunidense como um dos mais importantes de sua história, sendo inclusive celebrado até os dias de hoje no dia 04 de julho com discursos das autoridades políticas e festas, tornando-se um período comemorativo feito pelo povo estadunidense para celebrar os seus “heróis” que ajudaram a libertar e a fundar a sua nação. Com isto, a independência foi período histórico responsável pelo surgimento dos Estados Unidos, sendo na época de sua independência um território na qual possuía regiões ainda inexploradas, que passaram a serem desbravadas motivadas pelas promessas de haver riquezas e prosperidade nestes locais. Sendo assim, a expansão para o oeste foi um período histórico retratado nos filmes de faroeste, gênero cinematográfico responsável por criar no imaginário popular uma figura que caracterizou os Estados Unidos, a do herói com seu chapéu e revólver que tem a missão de eliminar uma ameaça e salvar os moradores de uma pequena cidade.

## 4 O “MOCINHO” DESBRAVA A TERRA SELVAGEM: A REPRESENTAÇÃO DO OESTE NORTE-AMERICANO NAS TELAS DE CINEMA.

### 4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO OESTE E SUA EXPLORAÇÃO

Os ex-colonos eram motivados a ir a estas regiões, não mais somente por causa de uma promessa de encontrar riqueza e prosperidade, mas sim por possuírem uma missão de explorar e dominar aquele território, pois tinham o dever divino de levar esclarecimento aos povos ditos “inferiores” que estavam lá, sendo esta “missão” chamada de “Destino Manifesto” (COSTA, 2011). Após a vitória na guerra de independência, diversas pessoas foram em direção à região oeste do recém-independente Estados Unidos, com o objetivo também de desbravar e ocupar este território, arriscando tudo que tinham com a promessa de encontrar riqueza e prosperidade no local (DOVAL, 2013).

No período, através da ideia de explorar um ambiente tido como selvagem e levar uma “ordem” a este local, foram se criando histórias e lendas “heroicas” sobre os exploradores que iam para o oeste. Suas histórias eram contadas através de canções e relatos, sendo estes “heróis” chamados de heróis fronteirizos, na qual uma das mais famosas histórias é a do explorador Daniel Boone, figura responsável por criar o conceito do herói do oeste, bem como por explorar a região do Missouri e propagar a ideia da chamada *Wilderness Road*<sup>2</sup> (DOVAL, 2013). Outra história de exploração que ficou conhecida foi a de Lewis e Clark, que eram apresentados nas histórias contadas como “bons moços” principalmente por possuírem uma boa relação com os povos indígenas, sendo ambos vistos como corajosos, pois as lendas contadas afirmavam que eles enfrentavam inclusive ursos em suas explorações (DOVAL, 2013).

A partir disto, é possível notar que a expansão para o oeste foi um período da história interna estadunidense tida como uma das mais importantes para a formação de uma imagem “heroica” da nação, sendo que segundo Eric Hobsbawn (2013), os principais “heróis” que representavam este período são primeiramente os caçadores e exploradores que desbravavam estas regiões e em segundo os caubóis, “heróis” estes criados pelos livros ficcionais e pelo cinema. Sendo assim, as pessoas que desbravam estas regiões tiveram suas histórias contadas através de lendas espalhadas no boca-a-boca e registradas nos livros. Contudo, com o surgimento de outros meios de comunicação no final do século XIX e começo do XX, fizeram

---

<sup>2</sup> Rota que cruzava os Montes Apalaches através do desfiladeiro de *Cumberland* (DOVAL, 2013).

com que estas histórias tivessem uma nova roupagem, passando a serem contadas através do cinema, meio cultural que acabou por consolidar no imaginário popular a figura deste período da história e destes ditos “heróis”, que exploravam uma terra dita selvagem e que levavam a “ordem“ aos ditos povos “selvagens”<sup>3</sup>, surgindo assim nos cinemas o gênero faroeste.

#### 4.2 ANÁLISE DOS FILMES: *POR UM PUNHADO DE DÓLARES (1964)* E *SETE HOMENS E UM DESTINO (1960)*

O gênero *western* como é chamado também os filmes de faroeste, segundo Philip Kemp (2011), é o gênero cinematográfico que celebra e reescreve a história da nação estadunidense. Segundo Eric Hobbsbawn (2013), os faroestes possuem dois elementos básicos em sua história, na qual se tem um confronto entre a natureza e a civilização e um enfrentamento entre a liberdade e as restrições sociais. Por meio disto, os filmes de faroeste possuem uma mesma linha da história na qual surge um herói que deve salvar uma cidadezinha de uma determinada ameaça que explora os moradores locais, seja um grupo de índios, mexicanos ou até mesmo um empresário corrupto. Por meio desta figura de um herói, o cinema banguê-banguê como é chamado também este gênero, marcou certos atores consolidando a imagem deles no imaginário popular ajudando a criar a figura do caubói e do pistoleiro, sendo dois exemplos de atores marcados por este gênero o ator John Wayne e Clint Eastwood.

**Figura 4 - Clint Eastwood em *Por um Punhado de Dólares (1964)***



Fonte: (IMDB, 2020).

---

<sup>3</sup> Os povos “selvagens” segundo Priscila Borba da Costa (2011) eram as populações nativas que viviam nestas regiões que seriam desbravadas.

A partir disto, o primeiro filme que será analisado e que é protagonizado por Eastwood é *Por um Punhado de Dólares (1964)*, faroeste pertencente aos chamados *Westerns Spaghetti*, que eram filmes dirigidos por diretores italianos com atores norte-americanos, tratando de um fato histórico unicamente estadunidense. O personagem de Eastwood que não tem nome chega à cidade de San Miguel, uma cidade fronteira com o México, sendo a cidade comandada por duas famílias rivais, os Baxters, onde um de seus membros é o xerife da cidade e os Rojos um grupo de mexicanos tidos como os vilões do filme e mostrados como assaltantes que maltratam inclusive mulheres e crianças. Com relação a qual período da história do oeste dos Estados Unidos que se passam os faroestes, Philip Kemp (2011) afirma que as histórias na grande maioria se passam no oeste do rio Mississippi ou no norte do Rio Grande por volta dos anos entre 1865 até 1890, quando a Guerra Civil acabou e quando se afirmou que a Fronteira<sup>4</sup> não existia mais.

No filme o personagem de Eastwood começa a realizar alguns serviços para os Rojos para garantir dinheiro para si, contudo ele percebe que os Rojos são os vilões, salvando Marisol, uma mulher que havia sido feita prisioneira pelo grupo, contudo os Rojos o torturam, além de matarem os Baxters, tomando o controle da cidade. O personagem de Eastwood que não tem o seu nome revelado o filme todo, foge e vai para a cidade para confrontar os Rojos, pois era seu “dever” agora eliminar aquela ameaça. Eastwood volta à cidade para um duelo final e como todo bom “mocinho” de faroeste é ele quem “atira primeiro”, eliminando assim aquela ameaça e salvando a cidade, abandonando ela após ter cumprido seu dever.

Outro filme de faroeste que tinha uma temática parecida é a do filme *Sete Homens e um Destino (1960)* que troca o papel de um homem salvando uma cidade para um grupo de sete homens salvando o dia novamente de uma ameaça mexicana. No filme *Sete Homens e um Destino (1960)* a história desenrola-se novamente na fronteira Estados Unidos-México, sendo um grupo de mexicanos que estão aterrorizando uma pequena cidade levando aos seus habitantes a contratarem os sete homens do título do filme.

Os sete se reúnem, sendo todos eles caçadores de recompensas que se mostram como “boas pessoas”, pois em uma determinada cena eles dão sua comida à população da cidade que estava com fome, fazendo amizade com os locais, ensinando eles a atirarem também para poderem confrontar Calvera, o vilão do filme e seus homens. Na batalha final, quatro dos sete homens são mortos, um deles inclusive morrendo para salvar um grupo de crianças, contudo

---

<sup>4</sup> A mesma era vista como um mundo de possibilidades (COSTA, 2011).

os “heróis” sobreviventes conseguem eliminar a ameaça mexicana e com seu dever cumprido eles vão embora montados em seus cavalos, deixando a cidade agora libertada.

Nos dois filmes, tanto em *Sete Homens e um Destino* (1960) quanto em *Por um Punhado de Dólares* (1964), é possível perceber que o México era visto como um vilão, sendo esta “visão” sobre o México algo presente no período representado. Já que na história no século XIX o México declarou-se independente da Espanha, conquistando alguns territórios como o Texas e o Novo México, tendo o Texas se declarado independente em 1835 com apoio dos Estados Unidos (DOVAL, 2013). Contudo o México revidou a esta independência com um ataque ao Forte Álamo pertencente aos Estados Unidos, tendo o forte sido dominado pelo general mexicano Santa Anna, que perderia outra batalha contra os Estados Unidos e assim concederia a independência ao Texas em 1836, que se anexou aos Estados Unidos em 1845 (DOVAL, 2013). Através deste contexto histórico, é possível compreender a visão do filme representando mexicanos como maus, possibilitando compreender a visão dos Estados Unidos sobre o México que perdura até os dias de hoje no país.

Através destes e outros conceitos criados sobre oeste dos Estados Unidos e da exploração de um território tido como selvagem, foi se fixando no imaginário popular a figura de “bravos homens” que desbravavam e conquistavam estes territórios ditos selvagens, sendo suas “aventuras” contadas no cinema com grandes doses de tiros e poeira, formando-se assim, a imagem do “mocinho” norte-americano que cavalga em seu cavalo em direção ao pôr do sol após salvar a cidadezinha do vilão da história. Os faroestes junto com os filmes de guerra foram dois gêneros cinematográficos responsáveis por construir a imagem do herói norte-americano que surge em momentos de tensão ou conflito com o “dever” de eliminar alguma ameaça existente (BURGOYNE, 2002). Assim o gênero filmes de guerra foi inclusive usado como “arma” nas duas Guerras Mundiais, especialmente durante a segunda na qual os dois lados do conflito, seja a Alemanha Nazista ou os Estados Unidos o usaram para construir uma imagem de sua nação.

## **5 O “MOCINHO” VAI A GUERRA: A REPRESENTAÇÃO DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NAS TELAS DE CINEMA**

### **5.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

Após o período de expansão do seu território no século XIX, os Estados Unidos passariam no século XX por alguns momentos turbulentos entrando em duas guerras mundiais com um discurso de defesa da democracia (SILVA, 2004). Nos cinemas, durante a Primeira Guerra, o conflito já era apresentado ao grande público com a figura de um herói lutando nas trincheiras, salvando o mundo de uma ameaça, servindo como uma propaganda estadunidense (SILVA, 2004).

Contudo, atualmente a Primeira Guerra Mundial é uma guerra “esquecida” muitas vezes pela história e principalmente pelo cinema que não trata tanto do conflito nas telas, diferentemente da segunda que é tida como a principal guerra do século e a mais lembrada por causa de seus acontecimentos. Com relação à Segunda Guerra Mundial, o cinema foi usado como uma “arma” de maneira mais intensa do que na Primeira Guerra, sendo usado por ambos os lados do conflito seja pela Alemanha Nazista que o usou com objetivo de difundir seus ideais ou pelos Estados Unidos que usou o cinema para criar novamente a imagem heroica de sua nação.

Um dos responsáveis no período pelo uso do cinema como “arma” para o lado dos Estados Unidos foi o então presidente Franklin D. Roosevelt, que usou o cinema para “embelezar” a imagem de seu país no conflito, usando-o inclusive para prejudicar a imagem de seus adversários no período (FERRO, 1992). Assim, na Segunda Guerra Mundial surgiram filmes que retratavam os nazistas e os japoneses de maneiras “vilanescas”, apresentando um mesmo conceito, o da defesa dos valores estadunidenses por um herói (FERRO, 1992).

Contudo, mesmo com os Estados Unidos tendo entrado na Segunda Guerra Mundial somente em 1941, após o ataque japonês a Pearl Harbor, o conflito foi fixado no imaginário popular com os Estados Unidos sendo uma peça-chave dele, tendo o cinema hollywoodiano um dos responsáveis por criar este conceito. O cinema recriou alguns pontos-chaves da guerra, sejam as batalhas ocorridas ou as barbáries cometidas pelos nazistas, tornando o gênero guerra, um gênero cinematográfico que se encontra presente até os dias de hoje, contando na maioria das vezes a história de um herói estadunidense que deve salvar o mundo de uma ameaça nazista ou fascista.

## 5.2 ANÁLISE DE *INDIANA JONES E OS CAÇADORES DA ARCA PERDIDA (1981)* E *INDIANA JONES E A ÚLTIMA CRUZADA (1989)*

A Segunda Guerra Mundial é uma das principais guerras exploradas pelo cinema seja durante o conflito ou após, usando personagens reais ou fictícios para contar suas histórias, apresentando desde os campos de concentração nazista até a invasão da Normandia. Através desta recreação do conflito, o diretor Steven Spielberg esteve intimamente ligado a Segunda Guerra Mundial sendo ela pano de fundo para alguns de seus filmes, criando em um deles a figura de Indiana Jones, um arqueólogo que tem que enfrentar uma ameaça nazista alguns anos antes do começo da Segunda Guerra Mundial.

Por meio disto, serão analisados nesta parte do trabalho o primeiro e terceiro filme da franquia chamados respectivamente de *Os Caçadores da Arca Perdida (1981)* e *Indiana Jones e a Última Cruzada (1989)* que se passam nos anos de 1936 e 1938, alguns anos antes do começo da Segunda Guerra Mundial. Ambos os filmes apresentam o mesmo conceito de um herói estadunidense buscando impedir que os nazistas conquistem dois objetos tidos como sagrados, que são a Arca da Aliança que é no primeiro filme e o Santo Graal no terceiro.

Com relação à participação dos Estados Unidos no conflito, eles entrariam na Segunda Guerra somente no ano de 1941, quando houve o ataque japonês a base norte-americana de Pearl Harbor, contudo mesmo tendo entrado tardiamente do conflito, os Estados Unidos já possuíam o interesse de participar antes mesmo do ataque ocorrido a eles (DAVIDSON, 2015). Este desejo de participação na guerra era uma ideia que o presidente Franklin D. Roosevelt afirmava, pois ele via que a sua nação seria o grande arsenal da democracia, na qual forneceria ajuda aos seus aliados neste período (GILBERT, 2014). Este conceito de os Estados Unidos já estarem se “preparando” para a guerra, é apresentado no primeiro filme de Indiana Jones que se passa antes do começo da guerra em 1936, sendo o serviço secreto norte-americano quem contrata Indiana para encontrar a Arca da Aliança, afirmando que se caso Hitler conquistasse a arca, ele teria poderes inimagináveis e dominaria o mundo. Através disto, o filme representa os nazistas como os vilões da história, sendo eles representados como maus, contudo não sendo mostrados os atos terríveis cometidos por eles, sendo apresentados atos seus como as queimas de livros realizados por eles e as reuniões feitas para exaltar Hitler, sendo que o próprio *Führer* aparece rapidamente em uma destas reuniões numa cena do terceiro filme.

**Figura 5 - Cena da reunião nazista em *Indiana Jones e a Última Cruzada* (1989)**



Fonte: (IMDB, 2020).

A Alemanha Nazista ao mesmo tempo em que censurava algumas obras culturais como os livros, utilizava outras como cinema com o objetivo de expandir seus ideais e crenças apresentando nestas obras um discurso de ódio e intolerância a outros povos como os judeus conforme aponta Martin Gilbert (2014), sendo estes representados nestas obras como maus e perigosos. Contudo, enquanto o nazismo proibia certas manifestações culturais e criava uma imagem bárbara, utilizando o medo como arma, os Estados Unidos foram na contramão disto. O cinema estadunidense no período da Segunda Guerra utilizou conceitos muitas vezes familiares em suas obras cinematográficas, buscando criar um laço com a pessoa que estava assistindo, fazendo acreditar que o soldado que ia lutar na guerra voltaria para sua família são e salvo.

“Ora, na grande maioria dos filmes sobre a sociedade americana e a guerra, a vida familiar é justamente *the unconquered fortress* (a fortaleza não conquistada), ai ela adquire mais solidez do que nunca: a história de uma esposa que aguarda fielmente o retorno de seu marido constitui o tema secundário da quase totalidade dos filmes, e o tema principal de grande número deles” (Ferro, 1992, p.35).

A ideia do elemento familiar está presente no terceiro filme da franquia Indiana Jones, pois é o sequestro de seu pai que leva Indiana ir atrás do Santo Graal e encontrá-lo antes dos nazistas, estando ele numa espécie de “corrida contra o mal” como afirma seu pai. No caso dos dois filmes, esta “corrida” termina com os nazistas pegando os respectivos objetos antes dos “heróis”, contudo como eles são mostrados como gananciosos e acabam morrendo por não saberem qual o poder continha nestes objetos. Já Indiana Jones que é o “herói da história”, ele não quer os respectivos objetos, negando inclusive a imortalidade obtida após ele beber do Santo Graal, sendo uma representação da ideia de que os Estados Unidos são os bonzinhos da história e não querem nada em troca após salvar o mundo de uma ameaça, sendo os Estados Unidos representados como altruístas na maioria dos filmes hollywoodianos.

Através da análise destes dois filmes da franquia Indiana Jones, é possível perceber como o contexto da Segunda Guerra Mundial foi tratado em ambos os filmes de uma maneira “heroica”, recriando e reproduzindo inclusive o estilo e os conceitos dos filmes feitos pelos Estados Unidos neste período. No desenrolar da história “real”, após o término da Segunda Guerra Mundial com a queda do Eixo e a vitória dos Aliados, os Estados Unidos se envolveram num outro conflito, agora contra sua antiga aliada na Segunda Guerra, a União Soviética, sendo este um período em que o mundo estava dividido e as tensões e desconfianças entre as potências estavam em alta, tornando o cinema um reflexo deste embate, sendo este um período histórico que foi extremamente representado nas telas de cinema.

## 6 O “MOCINHO” BUSCA DERRUBAR O “MURO”: O “REFLEXO” DA GUERRA FRIA NAS TELAS DE CINEMA

### 6.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA GUERRA FRIA

Em 1945 com a rendição do Japão após um ataque realizado a Hiroshima e Nagasaki, a Segunda Guerra Mundial havia acabado e enquanto o mundo estava esperançoso e festejava duas antigas aliadas no conflito já estavam com uma “rixa” entre si, estando um clima de desconfiança entre União Soviética e Estados Unidos, duas potências que eram tidas como “iguais” (GADDIS, 2005). As duas eram tidas como “iguais”, pois ambas surgiram por causa de revoluções e acreditavam também que suas crenças tidas como globais transpassariam os limites de seus próprios territórios (GADDIS, 2005).

Neste clima de Guerra Fria, a partir dos anos de 1950, os Estados Unidos buscando barrar a uma ideia de “dominação” mundial soviética, realizaram uma série de intervenções na Coreia (1950), no Vietnã (1965-1975) e no Afeganistão (1980–1988), sendo que todas estas intervenções feitas pelos Estados Unidos neste período somente o Afeganistão foi vitorioso para o lado estadunidense (HOBBSBAWN, 1997). Contudo, uma “guerra” não é somente vencida em conflitos armados e intervenções conforme aponta Paul Virilio (2005), sendo as vitórias ocorridas em conflitos “armados” e intervenções chamadas por ele de somente vitórias ditas “materiais”. A principal forma de vencer seu adversário em uma guerra não é a vitória material, mas sim a psicológica na qual através das imagens apresentadas nos cinemas, por exemplo, criaria uma figura que seria a síntese dos princípios do país, figura esta que chamaria a atenção das partes, fazendo quem assistisse a estes filmes acreditasse naquela nação a partir daquela ideia apresentada (VIRILIO, 2005).

Por meio desta ideia, o cinema estadunidense aplicou estes conceitos com o objetivo de criar uma imagem de que eles estavam travando confrontos contra outros países em nome do “bem do mundo”, sendo o cinema já sido usado como tanto na Primeira quanto na Segunda Guerra Mundial com este ideal, tendo em ambos os períodos criado a figura de um herói que surgia em momentos de tensão pronto para defender a bandeira dos Estados Unidos. Durante a Guerra Fria esta representação não mudou, tendo o cinema hollywoodiano principalmente nos anos de 1980, lançado filmes de ação que apresentavam discursos que buscavam impedir a União Soviética e seus aliados de “dominarem” o mundo, discursos estes feitos através de heróis com músculos e armados até os dentes, que possuíam o objetivo principal de vencer a União Soviética.

## 6.2 ANÁLISE DOS FILMES *RAMBO 2: A MISSÃO (1985)*, *RAMBO 3 (1988)*, *DURO DE MATAR (1988)*

A análise dos dois últimos períodos deste trabalho, que são a Guerra Fria e o seu pós, será feita de uma maneira diferente dos filmes e períodos analisados anteriormente, pois os filmes anteriores são representações de um período que foi transpassado para os cinemas anos após a ocorrência destes fatos, como foi o caso dos filmes de Indiana Jones feitos nos anos de 1980 e que representavam fatos dos anos 1930. Sendo assim, estes dois últimos períodos serão estudados conforme aponta Cristiane Nova (1996), como um “reflexo” do momento em que o mundo se encontrava quando estas obras foram feitas. Através disto, os filmes que serão analisados, foram filmes feitos nos anos de 1980, numa década fixada no imaginário popular e que conforme afirma Robert Burgoyne (2002 apud Kammen 1991), foi uma década em que a cultura popular estadunidense “expandiu-se”, tornando-a uma das décadas mais lembradas, sendo esta também uma década na qual um antigo astro de cinema estava na cadeira de presidente dos Estados Unidos.

Com a sua chegada a Casa Branca, o ex-astro de cinema Ronald Reagan tinha o objetivo de superar o por ele chamado de império do mal (União Soviética) e apagar a imagem que se tinha dos Estados Unidos na década de 1970, uma década em que a imagem dos Estados Unidos foi desgastada, principalmente pela guerra do Vietnã (HOBBSBAWN, 1997). Com esta ideia de superar os anos de 1970 e vencer a Guerra Fria, o cinema desenvolveu filmes nas quais os Estados Unidos buscavam derrotar a União Soviética e seus aliados, buscando dar a volta por cima, tornando inclusive um traumatizado ex-soldado da Guerra do Vietnã em uma máquina de matar que estava munido de armas e de um discurso de que desta vez os Estados Unidos venceriam.

Este soldado é John Rambo. Influenciado por causa do contexto da época, Rambo é o segundo personagem de Sylvester Stallone que vai à “luta” num mesmo ano contra os soviéticos, pois em 1985 era lançado também o quarto filme da franquia Rocky e enquanto Rocky usava suas luvas de boxe para “derrubar” a União Soviética, Rambo contava com sua faca, flechas e músculos para derrotá-los.

A década de 1980, conforme aponta Robert Burgoyne (2002) foi uma década na qual o Vietnã era um trauma estando à guerra representada nos cinemas pelos veteranos do conflito que estavam psicologicamente afetados, pois estes iam lutar na guerra acreditando que

estavam lutando por uma causa “correta”, mas que descobriam no campo de batalha que não era bem assim, acabando por cometer ou presenciar atos “terríveis” que deixavam traumas físicos ou psicológicos neles, além o fato de que quando voltavam para “casa” eles eram julgados pela sociedade por causa dos atos ocorridos no conflito.

Esta ideia do soldado afetado psicologicamente é apresentada no primeiro filme da franquia Rambo, sendo necessário contextualizar este primeiro filme para compreender a mudança das suas sequências na mentalidade do personagem. Em *Rambo Programado para Matar (1982)* John Rambo é um ex-soldado que lutou na Guerra do Vietnã que vai visitar um amigo numa cidadezinha, mas é julgado e sofre “abusos” a mando do xerife desta cidade, “acionando” traumas de guerra nele. Após praticamente destruir a cidade, Rambo é preso, sendo levado para a prisão por seu amigo e mentor Coronel Trautman, coronel este que no segundo filme leva uma missão para Rambo voltar ao Vietnã para tirar fotos, para este ter o perdão presidencial pelos atos cometidos no primeiro filme. Em *Rambo 2: A Missão (1985)* quando Rambo chega ao Vietnã, ele descobre que um grupo de soldados norte-americanos foram feitos prisioneiros e “esquecidos” pelos Estados Unidos no local desde a guerra, sendo estes soldados torturados por vietcongues que são auxiliados por soviéticos. Relacionado ao contexto da Guerra do Vietnã (1965-1975), os Estados Unidos interviram no país com a crença de impedir a expansão do comunismo, de que este não se expandisse do Vietnã do Norte para o Vietnã do Sul, recrutando jovens estadunidenses para lutarem na guerra, sendo estes motivados a participar do conflito com a crença de que iriam enfrentar e eliminar o “mal” (HOBBSBAWN, 1997).

Com relação aos filmes que mostram a União Soviética e seus aliados como a representação do mal, Bernardo Gonçalves (2016) aponta que estes filmes são exemplos de uma propaganda anticomunista desenvolvida por Hollywood no século XX, na qual nestas obras cinematográficas os russos eram mostrados como bárbaros e a União Soviética era representada como se não houvesse liberdade. Sendo assim, este segundo filme da franquia é um exemplo desta propaganda anticomunista feita pelos Estados Unidos, refletindo o pensamento de Ronald Reagan no período, tendo o presidente inclusive citado Rambo em um de seus discursos como um exemplo do combate a União Soviética e seus ideais. Voltando à história do filme, Rambo, após uma série de imprevistos como ele sendo capturado e torturado pelos seus inimigos, ele consegue escapar e salvar os soldados, derrotando seus inimigos e retornando a base do exército norte-americano, na qual ordena ao líder desta base a procurar os outros soldados “esquecidos” pelo governo.

Após ter sua missão cumprida, Rambo conversa com Coronel Trautman, sendo que Trautman afirma que a Guerra do Vietnã foi um erro e que Rambo não deveria odiar seu país. Com isto, Rambo afirma que não odeia sua nação, mas sim que morreria lutando por ela, sendo esta frase uma mudança do pensamento do personagem no primeiro filme, já no primeiro ele “odiava” sua nação, pois foi esquecido e julgado por ela e nesta sequência ele amava ela novamente. Esta nova forma de pensamento do personagem foi uma influência do contexto político da época, num período em que estava presente a crença de apagar o Vietnã da memória do povo estadunidense e vencer a União Soviética.

Através disto, na sequência *Rambo 3 (1988)*, o contexto Guerra Fria continua presente, pois os Estados Unidos na década de 1980 estavam em busca de impedir a expansão soviética na região do Afeganistão. O Afeganistão foi “invadido” pela União Soviética no ano de 1980, levando aos Estados Unidos intervirem no país, pois temiam se caso a União Soviética tomasse controle, eles conseguiriam expandir, levando assim aos Estados Unidos financiarem os Mujahidin que era uma guerrilha tribal presente no Afeganistão (HOBBSBAWN, 1997). No filme, Rambo é enviado ao Afeganistão após o Coronel Trautman ter sido sequestrado pelos soviéticos numa operação em que ele estava fornecendo ajuda aos Mujahidin. Quando Rambo chega ao Afeganistão para salvar seu amigo, ele acaba encontrando-se com os Mujahidin, que se mostram amigáveis jogando inclusive um jogo juntos chamado *Buzkashi*, contudo, o jogo é interrompido por um ataque feito pelos soviéticos.

**Figura 6 – Cena de Rambo jogando com os Mujahidin em *Rambo 3 (1988)***



Fonte: (IMDB, 2020).

Após uma série de confrontos com os soviéticos, Rambo consegue salvar Trautman e os dois fogem para a fronteira entre o Afeganistão e Paquistão, contudo são interceptados pelos soviéticos, sendo que os Mujahidin aparecem para auxiliá-los no confronto, levando a uma derrota soviética. O conflito no Afeganistão neste período é tido como afirma Perry

Anderson (2015) como a mais importante vitória dos Estados Unidos no período da Guerra Fria, sendo para a União Soviética conforme aponta Eric Hobsbawm (1997) o seu Vietnã.

Através desta ideia de “superar” a década passada onde ocorreu a renúncia de um presidente e o sentimento de perda causado pela Guerra do Vietnã, a década de 1980 foi um período do cinema na qual os Estados Unidos contavam com personagens ficcionais praticamente “indestrutíveis” que buscavam derrotar seus inimigos, predominando heróis de ação, como John Rambo e John McClane. Os filmes do Rambo, feitos na Guerra Fria, já foram analisados anteriormente, cabendo agora analisar a John McClane um policial de Nova Iorque que tem que salvar sua esposa de um grupo de “terroristas” alemães ocidentais numa noite de Natal. O filme *Duro de Matar (1988)* se passa na véspera de Natal quando um grupo de “terroristas” toma o prédio da empresa japonesa Nakatomi Corporation em Los Angeles, sendo eles liderados por Hans Gruber um ex-membro de um grupo extremista alemão ocidental chamado *Volksfrei*.

O filme foi lançado em 1988, ano em que a Alemanha encontrava-se ainda dividida entre Ocidente e Oriente, contudo no primeiro filme da franquia, Hans o vilão da história é pertencente ao lado ocidental, enquanto no terceiro filme que feito nos anos de 1990, o vilão do filme é o irmão de Hans, Simon, que pertencia ao lado oriental. Com relação a esta separação da Alemanha e ao muro de Berlim, segundo Nikita Khrushchev primeiro ministro soviético no período em que o muro foi construído, ele afirmava que iria “enterrar” o Ocidente com a construção do muro, pois segundo ele com o muro, o Ocidente ficaria indefeso (MEYER, 2009).

Com esta afirmação de Khrushchev e as tensões da Guerra Fria, o Ocidente criou uma imagem sobre o Oriente de este ser um inimigo e que este iria derrubar o Ocidente caso algo não fosse algo feito. O discurso anti-oriente passou a ser reproduzido pela mídia ocidental inclusive pelo cinema, que criou uma imagem do oriente como incivilizado e bárbaro (SOUZA, MELO E ROCHA, 2018 apud SAID 1990). Através disto, estes discursos passaram a ser reproduzidos nos filmes norte-americanos onde o vilão oriental seja ele soviético ou árabe afirma que derrubaria o Ocidente, sendo o Ocidente representado nestes filmes pelos Estados Unidos.

Esta visão sobre o Oriente é representada indiretamente no terceiro filme da franquia, pois Simon quer roubar o ouro do Banco Nacional e desestabilizar os Estados Unidos, diferentemente de Hans no primeiro filme, que quer somente o dinheiro do cofre da Nakatomi para si, não querendo desestabilizar os Estados Unidos, passando-se como um “terrorista” somente para “distrair” as autoridades sobre o real motivo da invasão do prédio. Através desta

representação dos dois vilões, é possível notar como cinema norte-americano representa de maneira diferente o vilão oriental do ocidental, sendo que enquanto o vilão ocidental é representado como querendo somente riquezas e poder, o oriental é mostrado como alguém querendo derrubar uma nação e causar medo nesta.

O cinema “heroico” norte-americano possuía uma característica comum na maioria destes filmes feitos, onde o vilão e mocinho possuem características diferentes. Com esta ideia de uma diferenciação entre “herói” e “vilão”, no filme *Duro de Matar (1988)*, Hans o vilão do filme é representado como um conhecedor da política e de história, que conhece sobre Yaser Arafat, bem como a história de Alexandre o Grande, rei da Macedônia, diferentemente do “herói” John McClane. A diferença entre os dois está tanto nas roupas dos dois personagens quanto nos seus conhecimentos, pois enquanto Hans está vestido de terno, gravata e fala sobre política, McClane está de pé descalço, com uma camisa regata e um cigarro na boca, munido de piadas sobre filmes de faroeste, criando assim entre os dois personagens uma rivalidade, que no final do filme será resolvida.

Após uma série de tiros, lutas e explosões, McClane consegue derrotar Hans e seus capangas, salvando Holly e a maioria dos reféns, indo embora do prédio após ter salvado o dia e o Natal, apresentando o típico conceito dos filmes “heroicos” feitos nos Estados Unidos onde o herói após derrotar o vilão vai embora do local com a sensação de seu “dever” cumprido. Contudo McClane não ficou somente nesta “aventura”, sendo lançadas sequências em que o “herói” enfrenta novos inimigos, enfrentando em uma delas o já citado irmão de Hans que queria derrubar os Estados Unidos num mundo pós a queda do Muro de Berlim. Esta sequência foi feita em um mundo na qual a Alemanha não estava mais dividida e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas não existia desde a noite de Natal de 1991, noite esta em que Mikhail Gorbachev até então líder da União Soviética comunicou ao mundo que a sua nação havia se desintegrado, terminando assim a Guerra Fria.

Através da análise dos filmes feitos até o presente momento, foi possível perceber que o cinema estadunidense é um reflexo da visão e crenças dos Estados Unidos, crenças estas de eles serem sempre os “mocinhos da história” que estarão sempre do lado da justiça e da liberdade. Contudo, quando se tem um choque de interesses, os Estados Unidos tornam antigos aliados em futuros adversários como foi o caso da União Soviética, pois as duas nações possuíam interesses similares. Este embate terminou com a queda da União Soviética e a ascensão dos Estados Unidos que no pós-Guerra Fria acreditava-se que iria conduzir o mundo para uma dita “paz mundial”, sendo esta ideia transpassada para os cinemas, em filmes

na qual os Estados Unidos salvam o mundo do seu próprio fim, onde o herói contava com o apoio do mundo para combater o mal e buscar a paz.

## 7 O “MOCINHO” DERRUBA O “MURO”: O “REFLEXO” DO PÓS-GUERRA FRIO NAS TELAS DE CINEMA.

### 7.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO PÓS-GUERRA FRIO

Segundo John Lewis Gaddis (2005), a Guerra Fria foi um “conflito” que começou com uma volta do medo e que terminou com o triunfo da esperança, onde uma poderosa nação, neste caso a União Soviética foi “derrubada” por pessoas comuns, palavras estas segundo ele reproduzidas pelo próprio Mikhail Gorbatchev líder da União Soviética até 1991.

Com a “queda” da União Soviética, uma potência hegemônica prevaleceu, os Estados Unidos, que neste mundo pós-Guerra Fria expandiu-se e passou a impor sua força militar para outras regiões do planeta como no Oriente Médio, exercendo sua hegemonia sobre estas regiões por meio de imposições não pacíficas de sua força (SANTOS, 2013). Por meio desta imposição de sua força, os Estados Unidos passou a ser chamado de o “xerife do mundo”, nome este dado a sua nação pelo motivo de que nenhuma outra nação fez frente no quesito militar com ela (SANTOS, 2013 apud AMIN, 2014).

Com esta ideia de os Estados Unidos ser o dito “xerife do mundo”, o cinema estadunidense passou a desenvolver na década de 1990 filmes que são um reflexo deste mundo pós-Guerra Fria, na qual o árabe tornava-se o novo “vilão oriental da história” e onde os Estados Unidos acreditavam que contariam com o apoio do mundo inclusive para enfrentar um novo mal que ocasionalmente poderia surgir.

### 7.2 ANÁLISE DO FILME *INDEPENDENCE DAY* (1996), *FORÇA AÉREA UM* (1997) E *TRUE LIES* (1993).

No mundo pós-Guerra Fria, havia a crença de não haver um inimigo dito “comum” que levaria os países capitalistas a aceitarem a liderança estadunidense numa luta contra esta “ameaça” como foi na Guerra Fria contra a União Soviética (ANDERSON, 2015). Através desta “falta” de um inimigo, o cinema hollywoodiano desenvolveu filmes na qual os Estados Unidos contavam com o apoio do mundo para lutar contra uma ameaça de fora do planeta Terra como, por exemplo, um meteoro ou uma ameaça alienígena, sendo nestes filmes os “heróis” estadunidenses motivados a lutar contra estas ameaças, com o objetivo de defender a liberdade mundial. Esta crença da liberdade ser “defendida” é algo que os Estados Unidos “pregam” desde quando sua nação nem existia, desde quando ela era somente uma colônia

inglesa. O ideal de “liberdade” foi usado inclusive como motivação para as ações intervencionistas praticadas pelos Estados Unidos ao redor do globo principalmente na Guerra Fria e no pós, pois conforme aponta Perry Anderson (2015), os Estados Unidos após a queda da União Soviética queria remodelar o mundo.

A ideia de os Estados Unidos utilizarem como motivação para suas ações em nome de um conceito de libertação, é algo que o autor Henry Kissinger (2015) afirma ser uma crença antiga, pregada por exemplo por Thomas Jefferson, um dos primeiros presidentes dos Estados Unidos que afirmava que sua nação era um império da liberdade que agia em prol da humanidade. Esta crença de os Estados Unidos serem os ditos “mocinhos da história” e os responsáveis por “ajudar” o mundo era uma crença seguida pelos presidentes estadunidenses na história, tendo sido um discurso pregado por exemplo por Franklin Delano Roosevelt no período da Segunda Guerra Mundial, conforme o que foi visto no item 5.1 deste trabalho.

O discurso de “libertar o mundo”, reproduzido pelos presidentes estadunidenses, foi passado para as telas do cinema, sendo reproduzido pelos presidentes “ficcionalis” como é o caso do presidente Thomas Whitmore, presidente dos Estados Unidos no filme *Independence Day* (1996). Whitmore afirma no filme que sua missão como presidente é a de liderar o mundo contra a ameaça alienígena que surgiu e que poderia levar a uma extinção global. A “presidência” conforme aponta John Lukacs (2006) era uma posição política vista pelos presidentes dos Estados Unidos no século XX como uma espécie de “missão” e com esta ideia de “missão” conforme aponta Luiz Amaral Leite (2013), os presidentes estadunidenses acreditam e pregam que sua nação esta destinada a grandeza, sendo seu povo, o escolhido para dirigir as demais nações e povos.

Ambos estes “ideais” são representados através da figura de Whitmore, que via sua posição de presidente como uma “missão”, cabendo a ele liderar a sua e outras nações contra esta ameaça que surgiu, pois se sentia capaz de realizar tal feito, convocando Japão e Rússia para unirem-se aos Estados Unidos e juntos lutarem contra esta ameaça. Uma ideia de união entre Estados Unidos e Rússia é um reflexo do pensamento estadunidense no pós-Guerra Fria, pois os Estados Unidos “incluiu” em suas relações seu antigo adversário da Guerra Fria, a Rússia, não vendo ela como uma ameaça, mas sim como um aliado que lutaria contra os ditos “perigos do mundo” que poderiam surgir (ANDERSON, 2015).

No filme, na batalha final que ocorre no dia 04 de julho, o presidente Whitmore e seus aliados derrotam este “inimigo”, mesmo tendo sido feitos sacrifícios para conseguir esta vitória e trazer a paz ao mundo novamente, sendo este dia segundo o presidente não será somente lembrado como o dia da independência dos Estados Unidos, mas sim, como o dia de

libertação do mundo, pois este libertou-se de uma tirania. Através da análise do filme *Independence Day (1996)*, é possível perceber que o filme em si é a representação de uma crença estadunidense, crença esta a de que conforme afirma Henry Kissinger (2014), os Estados Unidos acreditam que travam batalhas em nome de um bem comum, o de melhorar a vida da população e obtenção da liberdade, liberdade esta que quando obtida, seria compartilhada com a população mundial.

Através deste conceito de eliminar um mal e trazer a paz ao mundo, a década de 1990 foi um reflexo do mundo pós-queda da União Soviética, onde não havia um inimigo “bem estabelecido” e acreditava-se que os Estados Unidos assumiriam uma posição de liderança na condução dos outros países. Através destas crenças presentes na época, o cinema hollywoodiano desenvolveu um “novo herói” nas telas de cinema, o presidente de sua nação, representado, por exemplo, em filmes como *Independence Day (1996)* e *Força Aérea Um (1997)*. Em ambos os filmes, os presidentes são ex-militares, um é um ex-piloto da Guerra do Golfo e o outro da Guerra do Vietnã, sendo eles representações de antigos presidentes militares presentes na história dos Estados Unidos como, por exemplo, George Washington.

Neste contexto de pós-queda da União Soviética, o filme *Força Aérea Um (1997)*, é um reflexo deste período, pois o filme começa com uma operação conjunta entre Estados Unidos e Rússia no Cazaquistão, operação esta com o objetivo de derrubar um ditador no país. O Cazaquistão que fazia parte da União Soviética até o final da Guerra Fria, no filme é governado pelo general Radek, um general autoritário que se autoproclamava líder do país, sendo ele capturado nesta operação. Após a captura, o presidente dos Estados Unidos é homenageado por esta ação feita, ação esta realizada segundo ele com o objetivo de combater um “mal”, mal que segundo ele ainda não acabou, cabendo aos Estados Unidos a continuar combatendo aqueles que espalham o terror e machucam inocentes, proferindo uma frase que “norteou” os Estados Unidos na década de 1990 e principalmente no pós-11 de Setembro, a de que os Estados Unidos não negociam com terroristas. Relacionado aos discursos proferidos pelos Estados Unidos na década de 1990 relacionados a combater um dito “inimigo”, estes discursos possuíam uma série de elementos em comum, sendo usadas palavras relacionadas a terror ou caos para caracterizar ditadores como, por exemplo, a Saddam Hussein e suas ações (LEITE, 2013).

No filme após o discurso, o presidente é levado para o avião presidencial, o Força Aérea Um, contudo o avião é tomado por um grupo de apoiadores de Radek cabendo ao presidente salvar o avião, sua esposa e filha. O vilão principal do filme propõe algumas exigências à vice-presidente dos Estados Unidos, sendo a principal a de libertar Radek e que

caso estas exigências não sejam cumpridas, ele irá executar um passageiro do avião a cada meia hora. Com relação aos vilões principais do filme, eles afirmam que querem que a Rússia volte a ser temida, pois naquele momento para eles, a Rússia havia virado “pacifista” e aliada do seu antigo inimigo, os Estados Unidos. Esta ideia de uma aproximação russa e estadunidense apresentada no filme é uma representação do período em que este filme foi feito, pois na década de 1990, o presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton e Boris Yeltsin presidente da Rússia, possuíam uma relação de quase amizade, sendo ela uma parceria que conforme aponta Perry Anderson (2015), feita com o objetivo de esquecer o passado e melhorar as relações entre os dois países.

No filme o presidente dos Estados Unidos após uma série de embates com seus inimigos, ele cede e pede ao presidente russo para libertar Radek, pois seus familiares foram ameaçados, contudo os apoiadores de Radek após o pedido de libertação ter sido feito pelo presidente, afirmam que vão levar este, sua família e todos os passageiros do avião para a o Cazaquistão para serem negociadas outras medidas. Contudo, como o presidente dos Estados Unidos é o “mocinho da história”, este não aceita a ideia, levando-o a entrar em um embate contra os inimigos restantes no avião, acabando por vencê-los, impedindo a soltura de Radek e assim, encerrando mais um filme na qual os Estados Unidos vencem novamente, passando uma mensagem de que aqueles eram novos tempos e nenhuma ameaça os impediria.

No pós-Guerra Fria conforme aponta Perry Anderson (2015), houve a falta de um “inimigo comum” que uniriam os países a lutarem contra esta “ameaça”, contudo no cenário mundial neste período começou a surgir um dito “novo inimigo”, o árabe, que foi representado no filme *True Lies* (1994), como um inimigo que queria derrubar o Ocidente por meio do uso de armas de destruição em massa.

Antes de entrar na análise deste filme é necessário contextualizar esta relação do Oriente Médio com os Estados Unidos na década de 1990. Francis Fukuyama (1992) afirma que os ditos “inimigos orientais” adeptos de regimes anti-democráticos não estavam mais na União Soviética e em Cuba, pois a primeira não mais existia desde o começo da década de 1990, estando este dito “inimigo” agora localizado no Oriente Médio. Nos primeiros anos do pós-Guerra Fria, o principal inimigo estadunidense virou Saddam Hussein, um ditador que usou armas químicas para causar terror e machucar inocentes, cabendo assim aos Estados Unidos colocarem-se no período como o país responsável a lutar contra esta e outras ditaduras (LEITE, 2013).

Com esta ideia de combater as ditaduras representadas pelos países do Oriente Médio, o filme *True Lies* (1994), é um reflexo deste momento, sendo o vilão principal do filme

chamado de Salim Abud Aziz, que tem o objetivo principal de derrubar o Ocidente com o uso de armas de destruição em massa que foram trazidas para os Estados Unidos escondidas em obras de arte, sendo que segundo ele, com os ataques que seriam feitos aos Estados Unidos com estas armas, o Jihad iria prevalecer. A palavra Jihad “ganhou” mais força com o 11 de setembro, contudo esta expressão já estava presente anteriormente, tendo elas diversos significados, mas o principal é o de guerra num sentido espiritual (CHEREM, 2009). O termo Jihad foi atrelado ao terrorismo, passando a ter outro significado, o de estar atrelado a busca de derrubar um governo e implementar um estado islâmico, criando um império para unir toda a comunidade religiosa islâmica (CHEREM, 2009). No filme *True Lies* (1994), o “árabe” é representado de maneira estereotipada e maléfica, apresentando um discurso anti-ocidente por meio de um vilão com sotaque, que leva o “herói” estadunidense, personagem de Arnold Schwarzenegger, buscar impedir e salvar o mundo desta “ameaça”.

**Figura 7 - O vilão do filme *True Lies* (1994)**



Fonte: (IMDB, 2020).

O personagem de Schwarzenegger, Harry Tasker, é um espião de uma agência norte-americana de inteligência, que após uma série de embates com seus inimigos, tem sua filha sequestrada pelo vilão principal do filme, que leva ela a um prédio em Miami, onde ele iria denotar uma de suas armas nucleares para demonstrar seu poder. Contudo, Harry como o “herói” da história, consegue chegar ao prédio e salvar sua filha, além de derrotar seus inimigos, salvando assim os Estados Unidos e o Ocidente, trazendo a “paz e o equilíbrio” ao mundo novamente.

Através da análise destes respectivos filmes que são uma representação de um mundo pós a queda da União Soviética, foi possível perceber como o cinema representou neste período os Estados Unidos ainda como os ditos “mocinhos” que agora contavam com o apoio do mundo para combater o mal, mesmo sendo no respectivo período afirmado não haver nenhum “mal” como nas décadas anteriores. É afirmado não haver nenhum “mal”, ou seja,

um “inimigo” que possuísse ideias e crenças que poderiam expandir-se para outras partes do globo e que levariam a uma “união” principalmente dos países capitalistas na luta contra este, como foi durante a Guerra Fria contra a União Soviética. Assim na década de 1990, o tido “inimigo” era um “papel” desempenhado pelo árabe que ainda não era o vilão principal da história, mas sim representado como um mero “vilão coadjuvante” que não buscava expandir seus ideais, mas sim causar “terror” a população mundial, cabendo aos Estados Unidos combaterem e libertarem o mundo desta tida nova “ameaça”.

Através da análise dos filmes e do período, foi possível perceber que na década de 1990, havia uma crença de uma superioridade estadunidense, na qual havia a crença de liderança mundial realizada por tal nação, onde esta uniria outros países e conduziriam estes a paz, sendo os Estados Unidos ainda vistos por tais nações como “heroicos” e como uma nação “intocável” que salvava o mundo tanto na vida “real” quanto na ficcional.

## 8 CONCLUSÃO

Neste trabalho, buscou-se analisar como o cinema desenvolvido nos Estados Unidos ajudou a construir e sedimentar uma imagem positiva sobre sua nação, imagem esta construída através de uma representação da história que foi contado nas telas de cinema ao grande público como um confronto do bem contra o mal. Nas análises dos cinco períodos retratados no cinema, foi possível perceber que a história foi contada através de uma visão dos Estados Unidos dos fatos, sendo esta contada e representada nas telas como um confronto de eliminação de um dito “mal”. “Mal” que foi caracterizado na maioria das vezes como uma nação ou povo que era contrário aos preceitos dos Estados Unidos, sendo este “outro”, visto como um símbolo da “maldade” que “abala” o mundo, como foi, por exemplo, o caso da imagem que se criou da União Soviética durante a Guerra Fria.

Assim, através da análise destes respectivos períodos foi possível perceber que os Estados Unidos “contam” os fatos através de uma mesma maneira, na qual surge uma ameaça que abala as estruturas mundiais ou internas de sua nação, cabendo aos seus “heróis” derrotarem esta “ameaça” e devolver a ordem. Este conceito que a “ordem” deveria ser reestabelecida foi visto neste trabalho, por exemplo, na Guerra Fria que foi representada nos cinemas, através dos filmes do Rambo, filmes estes que refletiam a crença de que os Estados Unidos venceriam a “rival” que era União Soviética no período e trariam a ordem e equilíbrio ao mundo novamente.

Através das análises dos filmes e da história representada nestes, foi possível notar que os Estados Unidos na maioria dos fatos históricos se colocam como peças-chave para uma dita obtenção da paz e da ordem, criando figuras masculinas tidas como os “heróis” para assegurar e defender estes ideais. Assim, através desta representação dos fatos ou como um “reflexo” de como estava o mundo no momento quando estes filmes foram feitos, foi possível perceber que a história é contada pelos Estados Unidos através dos feitos de heróis masculinos, criando “conceitos” de que estes possuem habilidades de liderança ou realizaram grandes feitos.

Esta crença que se criou sobre a figura de um herói “masculino” estadunidense pode ser notada na história, através das lendas de exploração do oeste “selvagem” norte-americano, ou também através da figura dos seus presidentes e seus atos praticados. Contudo esta ideia não ficou somente nas construções históricas, estando ela reproduzida nos cinemas, através dos “heróis” ficcionais criados, como por exemplo, nos filmes de ação, com histórias em que os “heróis” com seus músculos e armas resolviam sozinhos os problemas do mundo. Contudo

esta representação da figura “heroica” estadunidense vem mudando nas duas últimas décadas com o surgimento de “heroínas” nas telas de cinema que defendem os Estados Unidos e salvam o mundo das ameaças sozinhas.

Através de uma representação gloriosa de sua nação nos cinemas, os Estados Unidos passaram a ser vistos como os ditos “mocinhos” no cenário mundial, principalmente pelos outros países que “consumiam” estes seus filmes. Este “consumo” acabou criando um conceito no imaginário popular, a de que os Estados Unidos serem a dita nação “correta” e “perfeita”, tornando-a a principal nação na qual o uso de seu *Soft Power* funcionou. Não é atoa que atualmente, a indústria cinematográfica hollywoodiana continua sendo a mais forte do mundo, desenvolvendo produções com orçamentos milionários que chegam as outras partes do globo, sendo esta uma indústria com tamanha força que se tornou inclusive uma arma de guerra usada pelos Estados Unidos nas décadas passadas, para valorizar a sua nação e buscar “destruir” a imagem de seus “adversários”.

Através desta sua força, o cinema desenvolvido nos Estados Unidos, consolidou-se no cenário mundial e ao grande público, construindo um conceito de sua nação ser o país tido como perfeito e justo, passando esta ideia para as massas que assistem a estas grandes produções com o objetivo de se divertir, não percebendo muitas vezes a influência destas obras no seu imaginário. Com isto, deixamos estas reflexões e teorias propostas neste trabalho para gerar debates sobre a influência do cinema na construção de uma imagem “heroica” sobre os Estados Unidos, sendo que esta imagem que se criou sobre tal nação, continua presente até os dias de hoje enraizado no imaginário mundial, que ainda veem os Estados Unidos, como a mais poderosa nação do mundo e como os ditos “mocinhos” da história.

## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Perry. **A Política Externa Norte-Americana e Seus Teóricos**. São Paulo: Boitempo, 2015. 160 p. Disponível em: <https://docgo.net/download/documents/anderson-perry-a-politica-externa-norte-americana-pdf>. Acesso em: 22 set. 2020.
- BARROS, José D'assunção. Cinema e história – as funções do cinema como agente, fonte e representação da história. **Ler História**, [s.l.], 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4000/lerhistoria.2547>. Acesso em: 18 mar. 2020.
- BROWN, Alfred Radcliffe. Social Structure. **Journal of the Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland**, [S. l.], p. 1-12, 2010. Disponível em: [https://www.academia.edu/35214701/Radcliffe\\_Brown\\_On\\_Social\\_Structure\\_2844197](https://www.academia.edu/35214701/Radcliffe_Brown_On_Social_Structure_2844197). Acesso em: 29 jun. 2020.
- BURGOYNE, Robert. **A nação do filme**. Brasília: UnB, 2002. 172 p.
- CHEREM, Youssef. Jihad: Duas interpretações contemporâneas de um conceito polissêmico. **Revista de Antropologia Social**, [s. l.], 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/LENOVO/Downloads/17045-72600-1-PB.pdf>. Acesso em: 14 out. 2020.
- COSTA, Priscila Borba. O Destino Manifesto do Povo Estadunidense: **Uma Análise dos Elementos Delineadores do Sentimento Religioso Voltado à Expansão Territorial**, [s. l.], 21 set. 2011. <https://docplayer.com.br/11895153-O-destino-manifesto-do-povo-estadunidense-uma-analise-dos-elementos-delineadores-do-sentimento-religioso-voltado-a-expansao-territorial.html> Acesso em: 31 ago. 2020.
- DAVIDSON, James West. **Uma Breve História dos Estados Unidos**. [S. l.]: L&PM, 2015.
- DOVAL, Gregorio. **Breve História de Conquista do Oeste**. [S. l.]: Versal Editores, 2013. 348 p.
- DURO de Matar. Direção: John McTierman. Intérprete: Bruce Willis. [S. l.]: Fox, 1988. Disponível em: [https://www.telecineplay.com.br/filme/Duro\\_De\\_Matar\\_6334](https://www.telecineplay.com.br/filme/Duro_De_Matar_6334). Acesso em: 21 ago. 2020.
- FERRO, Marc. **Cinema e História**. São Paulo: Paz Terra, 1992. 143 p.
- FORÇA Aérea Um. Direção: Wolfgang Petersen. Intérprete: Harrison Ford, Gary Oldman. [S. l.]: Columbia Pictures, 1997. Disponível em: <https://medium.com/@ciosose2/assistir-filme-for%C3%A7a-a%C3%A9rea-um-filme-c-o-m-p-l-e-t-o-em-brazil-a7c47bc9544>. Acesso em: 27 set. 2020.
- FUKUYAMA, Francis. **The End of History and The Last Man**. New York: The Free Press, 1992. 446 p. Disponível em: <https://www.democraziapura.altervista.org/wp-content/uploads/2015/01/1992-Fukuyama.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2020.
- GADDIS, John Lewis. **História da Guerra Fria**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. 308 p.

GELADO, Roberto; COLÓN, Pedro Sangro. Hollywood and the representation of the Otherness. A historical analysis of the role played by movies in spotting enemies to vilify. **Index.comunicación: Revista científica en el ámbito de la Comunicación Aplicada**, [s. l.], 17 maio 2016. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/303093147\\_Hollywood\\_and\\_the\\_representation\\_of\\_the\\_Otherness\\_A\\_historical\\_analysis\\_of\\_the\\_role\\_played\\_by\\_movies\\_in\\_spotting\\_enemies\\_to\\_vilify](https://www.researchgate.net/publication/303093147_Hollywood_and_the_representation_of_the_Otherness_A_historical_analysis_of_the_role_played_by_movies_in_spotting_enemies_to_vilify). Acesso em: 27 jun. 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. [S. l.]: Atlas, 2002. 176 p. Disponível em: [http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil\\_como\\_elaborar\\_projeto\\_de\\_pesquisa.pdf](http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil_como_elaborar_projeto_de_pesquisa.pdf). Acesso em: 22 out. 2020.

GILBERT, Martin. **A Segunda Guerra Mundial: Volume 1 - Os Contornos da Guerra**. [S. l.]: LeYa, 2014. 350 p.

GONÇALVES, Bernardo Bomfiglio Moreira Dalfollo. A geração de soft power americano durante a Guerra Fria: a vilanização da URSS a partir de Hollywood. **Revista Novas Fronteiras**, [s. l.], 2016. Disponível em: <http://novasfronteiras.espm.br/index.php/RNF/article/view/67/55>. Acesso em: 17 set. 2020.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. [S. l.: s. n.], 2013. Disponível em: <https://tonaniblog.files.wordpress.com/2018/08/cultura-e-representac3a7c3a3o.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2020.

HOBSBAWN, Eric. **Era dos Extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 478 p. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/5xxx8>. Acesso em: 15 set. 2020.

HOBSBAWN, Eric. **Tempos Fraturados**. [S. l.]: Companhia das Letras, 2013. 427 p. Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/232158/HOBSBAWM,%20E.%20Tempos%20Fraturados.pdf>. Acesso em: 1 set. 2020.

IANNI, Octavio. **Teorias da Globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. 257 p. Disponível em: <http://noosfero.ucsal.br/articles/0010/5206/ianni-octavio-teorias-da-globalizac-o.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2020.

IMDB. **Clint Eastwood em Por um punhado de dólares (1964)**. [2020]. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0058461/mediaviewer/rm3375592448>. Acesso em: 13 set. 2020.

IMDB. **Denholm Elliott em Indiana Jones e a Última Cruzada (1989)**. [2020]. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0097576/mediaviewer/rm3371329280>. Acesso em: 10 de jul.2020

IMDB. **Jamie Lee Curtis, Arnold Schwarzenegger e Art Malik em True Lies (1994)**. [2020]. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0111503/mediaviewer/rm1981510400> Acesso em: 21 de out.2020

IMDB. **Indiana Jones e a Última Cruzada (1989)**. [2020]. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0097576/mediaviewer/rm18855681>. Acesso em: 06 de jul. 2020

IMDB. **Mel Gibson em O Patriota (2000)**. [2020]. 1 fotografia. Disponível em: [https://www.imdb.com/title/tt0187393/mediaindex?page=3&ref=ttmi\\_mi\\_sm](https://www.imdb.com/title/tt0187393/mediaindex?page=3&ref=ttmi_mi_sm). Acesso em: 11 set. 2020.

IMDB. **Rambo 2: A missão (1985)**. [2020]. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0089880/mediaviewer/rm3801055233> Acesso em: 06 de jul.2020

IMDB. **Steve McQueen, Charles Bronson em Sete Homens e um Destino (1960)**. [2020]. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0054047/mediaviewer/rm2522153984>. Acesso em: 06 de jul.2020

IMDB. **Sylvester Stallone em Rambo 3 (1988)**. [2020]. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0095956/mediaviewer/rm968890880/>. Acesso em: 16 de set.2020

INDEPENDENCE Day. Direção: Rolland Emmerich. Intérprete: Bil Pullman, Will Smith. [S. l.]: Fox, 1996. Disponível em: [https://www.telecineplay.com.br/filme/Independence\\_Day\\_3622](https://www.telecineplay.com.br/filme/Independence_Day_3622). Acesso em: 26 set. 2020.

INDIANA Jones e a Última Cruzada. Direção: Steven Spielberg. Intérprete: Harrison Ford. [S. l.]: Paramount Pictures, 1989. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/60010487>. Acesso em: 7 ago. 2020.

KARNAL, Leandro. **Estados Unidos A Formação da Nação**. [S. l.: s. n.], 2001. 109 p.

KARNAL, Leandro; PURDY, Sean; FERNANDES, Luiz Estevam; MORAIS, Marcus Vinicius de. **História dos Estados Unidos. Das origens ao século XX**. São Paulo: Contexto, 2007. 269 p. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/ee8ec>. Acesso em: 14 mar. 2020.

KEMP, Philip. **Tudo sobre cinema**. Rio de Janeiro: Sextante, 2011. 576 p.

KISSINGER, Henry. **Ordem Mundial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015. 275 p. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/nxcns>. Acesso em: 10 out. 2020.

KORNIS, Monica Almeida. História e Cinema: um debate metodológico. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, p. 1-14, 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1940/1079>. Acesso em: 10 mar. 2020.

LEEPSON, Marc; SMITH, Whitney. Flag of the United States of America. **Britannica**, [s. l.], 24 ago. 2018. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/flag-of-the-United-States-of-America#ref719022>. Acesso em: 29 ago. 2020.

LEITE, Lucas Amaral Batista. **A Construção do Inimigo nos Discursos Presidenciais Norte-Americanos no Pós-Guerra Fria**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. 138 p. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/109288>. Acesso em: 29 set. 2020.

LUKACS, John. **Uma Nova República: História dos Estados Unidos no Século XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. 478 p.

MELO, Évylla Michaely de; SOUZA, Ellen Gianni; ROCHA, Gustavo de Andrade. Soft Power: **A mídia hollywoodiana e a transmissão dos valores norte-americanos**, [s. l.], 11 jan. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ricri/issue/view/2002>. Acesso em: 27 jun. 2020.

MEYER, Michael. **1989: O ano em que mudou o mundo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. 247 p.

MORIM, Edgar. **Cultura de massas no século XX**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. 204 p. Disponível em: <https://abdet.com.br/site/wp-content/uploads/2015/04/Cultura-de-Massas-no-s%C3%A9culo-XX-Neurose.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2020.

NYE, Joseph. **Soft power: the origins and political progress of a concept. : the origins and political progress of a concept**. Palgrave Communications, [s.l.], v. 3, n. 1, n.p , 21 fev. 2017. Springer Science and Business Media LLC.<http://dx.doi.org/10.1057/palcomms.2017.8>. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/palcomms20178>. Acesso em: 14 abr. 2020

NOVA, C. C. O Cinema e o Conhecimento da História. O Olho da História. Salvador, v. 2, n.3, p. 217-234, 1996. Disponível em [https://www.academia.edu/300773/O\\_Cinema\\_Eo\\_Conhecimento\\_Da\\_Hist%C3%B3ria](https://www.academia.edu/300773/O_Cinema_Eo_Conhecimento_Da_Hist%C3%B3ria). Acesso em: 10 mar. 2020.

O PATRIOTA. Direção: Rolland Emmerich. Intérprete: Mel Gibson. [S. l.]: Columbia Pictures, 2000. Disponível em: [https://play.uol.com.br/drama/5647/o-patriota?gclid=CjwKCAjwh7H7BRBBEiwAPXjadoZxwvRkrKKGXYXL-L7XJDMJoPDZAE0CkfHodqsd4emz3x8km6iuERoCULgQAvD\\_BwE#rmcl](https://play.uol.com.br/drama/5647/o-patriota?gclid=CjwKCAjwh7H7BRBBEiwAPXjadoZxwvRkrKKGXYXL-L7XJDMJoPDZAE0CkfHodqsd4emz3x8km6iuERoCULgQAvD_BwE#rmcl). Acesso em: 7 ago. 2020.

OS CAÇADORES da Arca Perdida. Direção: Steven Spielberg. Intérprete: Harrison Ford. [S. l.]: Paramount Pictures, 1981. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/60011649>. Acesso em: 8 ago. 2020.

PAIVA, Cláudio. O cinema de Hollywood e a invenção da América: Mídias interculturalidades locais e globais. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**, [s. l.], 2005. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/paiva-claudio-hollywood-invencao-america.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2020.

POR UM Punhado de Dólares. Direção: Sergio Leone. Intérprete: Clint Eastwood. [S. l.]: United Artists, 1964. Disponível em: [https://www.telecineplay.com.br/filme/Por\\_Um\\_Punhado\\_De\\_Dolares\\_7048](https://www.telecineplay.com.br/filme/Por_Um_Punhado_De_Dolares_7048). Acesso em: 14 ago. 2020.

RAMBO Programado para Matar. Direção: Ted Kotcheff. Intérprete: Sylvester Stallone. [S. l.]: Orion Pictures, 1982. Disponível em: [https://www.telecineplay.com.br/filme/Rambo\\_Programado\\_Para\\_Matar\\_11244](https://www.telecineplay.com.br/filme/Rambo_Programado_Para_Matar_11244). Acesso em: 15 ago. 2020.

RAMBO 2 - A missão. Direção: George P. Cosmatos. Intérprete: Sylvester Stallone. [S. l.]: Carolco Pictures, 1985. Disponível em: [https://www.telecineplay.com.br/filme/Rambo\\_II\\_A\\_Missao\\_11246](https://www.telecineplay.com.br/filme/Rambo_II_A_Missao_11246). Acesso em: 15 ago. 2020.

RAMBO 3. Direção: Peter MacDonald. Intérprete: Sylvester Stallone. [S. l.]: Carolco Pictures, 1988. Disponível em: [https://www.telecineplay.com.br/filme/Rambo\\_III\\_11245](https://www.telecineplay.com.br/filme/Rambo_III_11245). Acesso em: 16 ago. 2020.

RAMBO 3. IMDB. 2003. Disponível em: [imdb.com/title/tt0095956](https://www.imdb.com/title/tt0095956). Acesso em: 04 de out.2020

RAPHAEL, Ray. **Mitos sobre a Fundação dos Estados Unidos**. [S. l.]: Record, 2006. 388 p.

SANTOS, Deijenane Gomes. A Hegemonia Americana no Pós-Guerra Fria: Continuidade ou Declínio?. **Conjuntura Global**, [s. l.], 10 out. 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/LENOVO/Downloads/34614-127076-1-PB.pdf>. Acesso em: 14 out. 2020.

SETE Homens e um Destino. Direção: John Sturges. Intérprete: Steve McQueen. [S. l.]: MGM, 1960. Disponível em: <https://www.filmelir.com/pt/br/film/1443/sete-homens-e-um-destino>. Acesso em: 14 ago. 2020.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. [S. l.]: Cortez, 2017. 233 p. Disponível em: [file:///C:/Users/LENOVO/Downloads/METODOLOGIA\\_DO\\_TRABALHO\\_CIENTIFICO\\_A\\_J\\_S%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/LENOVO/Downloads/METODOLOGIA_DO_TRABALHO_CIENTIFICO_A_J_S%20(1).pdf). Acesso em: 22 out. 2020.

SILVA, Priscila Aquino. CINEMA E HISTÓRIA: **O imaginário norte-americano através de Hollywood**, [s. l.], abr. 2004. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/cantareira/novacantareira/artigos/edicao5/cinema.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2020.

TRUE Lies. Direção: James Cameron. Intérprete: Arnold Schwarzenegger, Jamie Lee Curtis. [S. l.]: Fox, 1994. Disponível em: <https://netcinhd.com/true-lies/>. Acesso em: 27 set. 2020.

VIRILIO, Paul. **Guerra e Cinema**. São Paulo: Estado de Sítio, 2005. 200 p.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de Pesquisa**. [S. l.]: UFSC, 2013. 134 p. Disponível em: [http://arquivos.eadadm.ufsc.br/EaDADM/UAB\\_2014\\_2/Modulo\\_1/Metodologia/material\\_didatico/Livro%20texto%20Metodologia%20da%20Pesquisa.pdf](http://arquivos.eadadm.ufsc.br/EaDADM/UAB_2014_2/Modulo_1/Metodologia/material_didatico/Livro%20texto%20Metodologia%20da%20Pesquisa.pdf). Acesso em: 24 out. 2020.